

# CRIANÇAS (0 AOS 8 ANOS) E TECNOLOGIAS DIGITAIS Que mudanças num ano?

---



**CATOLICA**

CECC · CENTRO DE ESTUDOS  
DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

LISBOA

**Patrícia Dias**

**Rita Brito**

COORDENADO PELO JOINT RESEARCH CENTER DA COMISSÃO EUROPEIA

# AUTORAS



## PATRÍCIA DIAS

é Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, onde coordena a Pós-graduação em Comunicação e Media Sociais. É investigadora no Centro de Estudos em Comunicação e Cultura e membro da Comissão Diretiva do CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Doutorada em Ciências da Comunicação, os seus interesses de investigação são os media digitais, crianças com menos de 8 anos, comunicação mobile, marketing e relações públicas. É membro das ações COST eRead e DigiLitEY, do CEDAR - Consórcio em Tendências Emergentes em Estudos de Audiências, e do projeto da Comissão Europeia "Crianças (0 a 8 anos) e Tecnologias Digitais". É autora de "Viver na Sociedade Digital" (2014) e de "O Telemóvel e o Quotidiano" (2008).



## RITA BRITO

é educadora de infância de formação inicial, doutorada em tecnologias educativas e realizou pós doutoramento sobre o uso de tecnologias por famílias e crianças até aos 6 anos de idade. Exerceu funções como educadora de infância e nos últimos anos tem-se dedicado à formação inicial de educadores de infância, lecionando no Mestrado em Educação Pré-Escolar como Professora Adjunta. A sua investigação foca-se em tecnologias educativas digitais, com crianças até 6 anos, na formação inicial de educadores de infância e professores do 1º CEB. Tem artigos publicados em revistas e capítulos de livros nacionais e internacionais. Participou em várias conferências nacionais e internacionais, assim como em vários projetos de investigação.

**Agradecemos a colaboração do Filipe Resende, da Gabriela Oliveira e da Inês Amaral Ribeiro na realização deste trabalho.**

# CRIANÇAS (0-8) E TECNOLOGIAS DIGITAIS

## Que mudanças num ano? Relatório Portugal 2016

**PATRÍCIA DIAS**

Centro de Estudos em Comunicação e Cultura

Universidade Católica Portuguesa

[pdias@fch.lisboa.ucp.pt](mailto:pdias@fch.lisboa.ucp.pt)

**RITA BRITO**

UIDEF, Instituto de Educação

Universidade de Lisboa

[britorita@campus.ul.pt](mailto:britorita@campus.ul.pt)



**COORDENADO PELO JOINT RESEARCH CENTER  
DA COMISSÃO EUROPEIA**



**CATÓLICA**  
CECC · CENTRO DE ESTUDOS  
DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

LISBOA

Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Data: Junho de 2017

ISBN: 978-989-99288-4-8

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Faculdade de Ciências Humanas (UCP)

Palma de Cima, 1649-023 Lisboa

<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

# índice

**Pág. 6**

Sumário Executivo

**Pág. 9**

Principais resultados

**Pág. 10**

Desafios e  
recomendações

**Pág. 12**

I. INTRODUÇÃO

**Pág. 15**

2. MÉTODO

**Pág. 24**

3. QUE MUDANÇAS NUM  
ANO? RETRATOS DAS  
FAMÍLIAS

**Pág. 26**

Família PT1

**Pág. 30**

Família PT2

**Pág. 34**

Família PT3

**Pág. 38**

Família PT4

**Pág. 42**

Família PT6

**Pág. 46**

Família PT7

**Pág. 50**

Família PT9

**Pág. 54**

Família PT10

**Pág. 58**

#### **4. RESULTADOS**

**Pág. 59**

**4.1 Como é que o envolvimento das crianças com tecnologias digitais (online) evoluiu neste período de um ano?**

**Pág. 69**

**4.2 Como é que as percepções das tecnologias (online) pelos diferentes membros das famílias evoluíram neste ano que passou?**

**Pág. 73**

**4.3 Como é que a mediação parental do uso que as crianças fazem das tecnologias digitais (online) evoluiu no último ano?**

**Pág. 76**

**4.4 Resultados surpreendentes**

**Pág. 78**

#### **5. DISCUSSÃO**

**Como evoluiu o papel que as tecnologias digitais (online) desempenham nas vidas das crianças e dos pais?**

**Pág. 82**

#### **6. CONCLUSÕES**

**Pág. 86**

#### **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

# Sumário

# Executivo

**N**o ano anterior realizámos um estudo<sup>1</sup> que teve como objetivo explorar o envolvimento de crianças e das suas famílias com tecnologias digitais, no qual entrevistámos 10 famílias. As questões de investigação exploraram a dinâmica entre pais e filhos, e também entre as utilizações e as perceções de crianças e pais relativamente à utilização dos dispositivos, a fim de identificar as atividades digitais e práticas, assim como os benefícios e riscos associados. De modo a dar continuidade a esse trabalho evoluímos para um estudo longitudinal. Assim, voltámos a entrevistar oito das 10 famílias, com o objetivo de perceber se houve alterações, no espaço de um ano, e o porquê dessas alterações.

Constatámos assim que as práticas digitais das crianças são semelhantes às do ano anterior: continuam a eleger o tablet como o seu dispositivo favorito e a privilegiar os jogos e consultas no YouTube. Devido a um aumento das suas capacidades de leitura e escrita, conseguem ser mais autónomas nesta utilização, refinando as suas pesquisas, ou seja, ao invés de aceitarem as sugestões do YouTube, pesquisam temas do seu interesse, fazendo-o igualmente no Google. A par deste aumento de competências, reconhecem a web como uma ferramenta relevante para pesquisas, quer escolares como para assuntos do seu interesse. Por sua vez, os pais mostraram

perceções mais positivas relativamente à utilização de tecnologias pelos filhos (especialmente pais de nível socioeconómico médio), considerando-as como relevantes para pesquisas escolares e incentivando-os nesse uso. No entanto, em algumas famílias ainda há atritos relativamente ao tempo de utilização das tecnologias pelos filhos, mas menos do que anteriormente.

O tipo de mediação difere de família para família e está relacionada com as perceções que os pais têm sobre as tecnologias: os pais que consideram o uso das tecnologias benéfico para questões mais pedagógicas, incentivam este uso pelos filhos, acompanhando-os e apoiando-os, resultando em crianças que percebem e usam a web como um importante recurso para explorar temas do seu agrado, tanto escolares como pessoais; os pais que não têm uma opinião tão positiva não incentivam este uso, nem para usos pedagógicos, e as crianças tendem a utilizar os dispositivos apenas para atividades lúdicas.

As crianças têm ainda poucas perceções de riscos online (imagens explícitas ou contactos com estranhos) ou de segurança digital, e ainda não foram alertadas para tal pela maior parte dos pais. Por outro lado, os pais continuam a preocupar-se com o momento em que estas começam a utilizar redes sociais.

---

<sup>1</sup> O relatório do ano anterior, “Crianças (0-8) e Tecnologias Digitais”, pode ser consultado em [http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/BOOK\\_Crianças\\_e\\_Tecnologias\\_Digitais.pdf](http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/images/site/BOOK_Crianças_e_Tecnologias_Digitais.pdf)





Armour Shell  
Protect & Defend

# Principais resultados

Como principais resultados destacamos os seguintes:

- O **tablet** continua a ser o **dispositivo preferido** das crianças, onde gostam muito de jogar e ver vídeos no *YouTube*;
- Devido à **evolução das suas competências de leitura e escrita** passaram a usar as tecnologias com mais regularidade para pesquisar assuntos específicos do seu interesse ou escolares;
- Apesar do aumento destas competências, as crianças continuam a ser mais **passivas** do que produtoras de conteúdos;
- As tecnologias digitais deixaram de ser apenas percebidas como “brinquedos”, e tanto os pais como as crianças já reconhecem o seu **potencial pedagógico** (ainda assim, o entretenimento é mais associado ao tablet e a aprendizagem ao computador portátil);
- Os pais já não estão tão ansiosos com a utilização das tecnologias pelos filhos e as suas percepções são mais **positivas**, enfatizando e motivando a importância destas para **pesquisas escolares**;
- Pais com **atitudes** positivas relativamente às tecnologias são mais permissivos e participativos, ao passo que pais com atitudes negativas são mais restritivos e menos participativos;
- Os pais evoluíram na sua **mediação**, adoptando uma postura mais atenta (aditem supervisionar também o conteúdo, e não apenas o tempo de utilização) e em alguns casos **participativa**;
- Os pais continuam a considerar que as crianças ainda não estão expostas a muitos riscos, e temem sobretudo a utilização das **redes sociais** e a aquisição do **smartphone**;
- Muitos dos pais já abordaram o tema de **conteúdos impróprios** na internet, sobretudo violentos, assustadores ou relacionados com sexo, e instruíram os filhos para não verem esses conteúdos, mas ainda não falaram de outros temas como segurança, proteção de dados, exploração comercial, cyberbullying, entre outros.

# Desafios e recomendações

**C**omo os próprios pais afirmam, estão perante um novo desafio: são a primeira geração de nativos digitais (Prensky, 2001) que são pais de digitods (Holloway, Green, & Stevenson, 2015). Ou seja, a primeira geração de adolescentes que contactou com a internet e com os telemóveis, que em muitos aspetos se apropriou destas tecnologias, ditou tendências e estabeleceu práticas. Atualmente são, na generalidade, utilizadores frequentes e competentes das tecnologias digitais e são confrontados com a necessidade de avaliar e decidir sobre situações completamente novas, das quais não há ainda qualquer referência. Nunca antes na história as crianças contactaram com tecnologias digitais desde o nascimento. E esta geração touch-screen (Rosin, 2014) tem uma relação diferente com a tecnologia, que não lhe surge como algo novo, mas sim como algo que sempre existiu. O mesmo desafio se coloca aos professores e educadores de infância, que nas escolas são confrontados com crianças familiarizadas com ambientes domésticos povoados de tecnologias, que lhes proporcionam estimulação e entretenimento constantes, e que demonstram por vezes dificuldades de concentração nas atividades propostas em sala de aula (Chen, 2010). A um nível superior, este desafio coloca-se também a outros agentes, stakeholders e policy-makers, que possam ter intervenção em aspetos tão diversos como a legislação relativamente à segurança digital, a educação para os media, e até mesmo na psicologia ou na saúde.

Esperamos que a nossa investigação possa contribuir para todas estas partes envolvidas enfrentarem este desafio de forma mais consciente e informada, oferecendo um olhar privilegiado sobre a intimidade das famílias, que nos revela o papel desempenhado pelas tecnologias digitais.

## **PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

As crianças continuam pouco informadas sobre segurança digital, e a maioria dos pais considera que ainda é cedo para conversar com elas sobre estes temas, até porque não estão totalmente conscientes das atividades online das crianças e dos perigos a que estão expostas. Recomendamos aos pais a adoção de um estilo de mediação parental autorizado, em que exista supervisão e regras definidas (que podem ser negociadas, não implica que sejam impostas), mas sobretudo participação/co-utilização dos pais e acompanhamento.

Recomendamos também a pesquisa de informação e recursos online, quer informativos quer de controlo, de fontes credíveis, que possam ajudar os pais a informar-se a abordar alguns destes temas com os filhos.

## **PROFESSORES E EDUCADORES DE INFÂNCIA, ESCOLAS, BIBLIOTECAS E MUSEUS**

A utilização das tecnologias digitais nas escolas é, ainda, durante o primeiro ciclo, incipiente. As crianças que contactam mais com tecnologias digitais nas escolas, na nossa amostra, têm informática como atividade extracurricular ou frequentam escolas privadas. Mas as outras crianças reportam a existência de tecnologias em sala de aula, nomeadamente computador para o docente e quadro interativo. Em educação pré-escolar menor ainda é a referência ao uso de tecnologias. A formação de professores e educadores é essencial para que consigam tirar maior partido das tecnologias disponíveis em ambiente escolar e fomentem, quer nas crianças quer nas famílias, um uso positivo, construtivo e educativo destas ferramen-

mentas, optando por metodologias mais construtivistas de ensino.

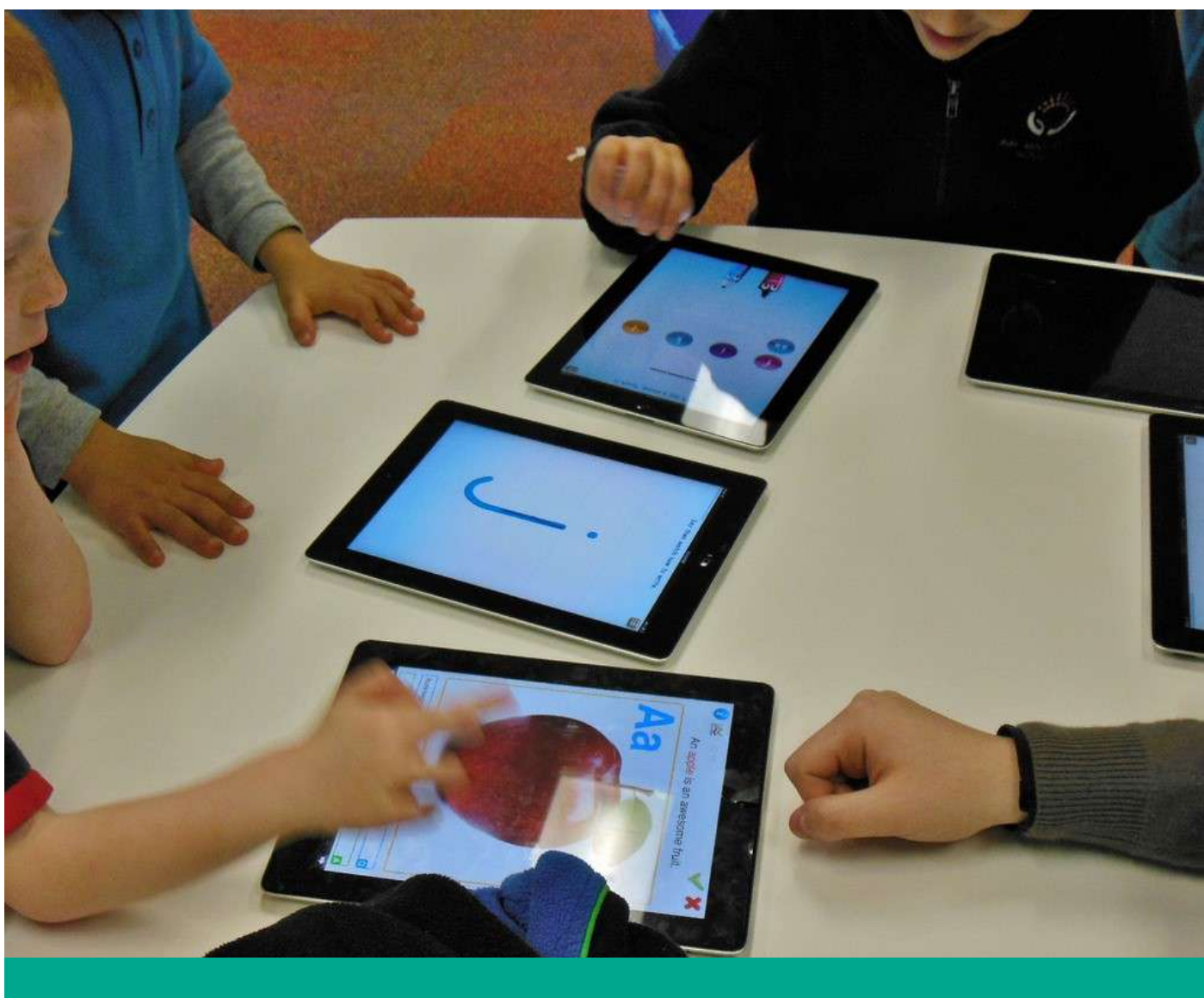
Noutros espaços, como bibliotecas e museus, é frequente a existência de tecnologias digitais. As atividades oferecidas poderiam ser direcionadas no sentido de sensibilizar pais e crianças para os riscos online e formar para um uso positivo e benéfico destas ferramentas.

## **POLICY-MAKERS E OUTROS STAKEHOLDERS**

As potenciais consequências futuras do fenómeno novo que estamos a viver não podem ser ponderadas com ligeireza, exigem estudo e reflexão profundas. Cabe aos policy-makers e outros stakeholders a promoção de estudos que nos possam oferecer mais informações e apontar caminhos, bem como de grupos de interesse e associações com intervenção efetiva no que respeita à

divulgação de informações, à formação, e à prevenção de riscos. Existindo já várias iniciativas neste sentido, falta por vezes uma atuação mais integrada e profícua.

Para os produtores de tecnologias, conteúdos e brinquedos smart, é importante o desenvolvimento e aplicação de uma ética de trabalho que siga como diretriz inquestionável a Declaração Universal dos Direitos da Criança da UNICEF (1959) e outros documentos relevantes, como a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas, ou a Categorização dos Direitos da Criança na Esfera Digital (Livingstone, 2014), garantindo assim que o que é disponibilizado no mercado é desenvolvido e pensado de forma a proteger os direitos da criança e promover o seu desenvolvimento e bem-estar.



# I. Introdução

**N**os dias de hoje as crianças estão rodeadas por tecnologias. Devido a este rápido desenvolvimento, as crianças de hoje crescem *com* a tecnologia, vivendo num mundo imerso nestas e utilizando-as na sua vida diária (Hague & Payton, 2010; Holloway, Green, & Livingstone, 2013; Kucirnova, 2011; Plowman, Stevenson, Stephen, & McPake, 2012). A rapidez com que têm acesso a estes dispositivos não tem precedentes na história da evolução tecnológica.

Cada vez mais as famílias têm acesso à internet, quer seja em casa, quer seja através de dados móveis. Esta questão pode ser constatada através de números. Por exemplo, em 2002 havia 26,9% de agregados familiares portugueses com internet, tendo este número passando para 71,1% em 2015 (Pordata<sup>1</sup>, n/d). Em 1997, cerca de 88.670 pessoas tinham assinatura de internet, tendo este número passado para 2.732.700 em 2014 (Pordata<sup>2</sup>, n/d).

Zevenbergen e Loan (2008) referem que crianças até aos 6 anos estão imersas em práticas tecnológicas diárias, demonstrando confiança e competência nesta utilização mesmo antes de iniciarem o ensino primário. Estes resultados são corroborados por vários estudos que atestam o aumento da utilização de tecnologias digitais por crianças com menos de 6 anos (Baek, Jeong-Min, & Kyu-Soo, 2013; Formby, 2014; Wartella, Kirkpatrick, & Rideout, 2013).

As crianças mais jovens são ávidas utilizadoras de tecnologias no seu ambiente familiar, em casa. A investigação é clara, indicando que o envolvimento dos pais e o ambiente doméstico é muito importante no desenvolvimento das crianças (American Academy of Pediatrics, 2011) e que a longo prazo as desigualdades sociais relativas ao bem-estar e aprendizagem são moldadas pelas experiências iniciais de vida, sendo a influ-

ência dos pais um fator de relevância (HM Government, 2014).

Segundo Wellman, Smith, Wells e Kennedy (2008) famílias que têm filhos estão mais “conectadas” do que famílias que não têm filhos. Ou seja, as famílias com filhos têm maior utilização da web, smartphones ou computador que as outras famílias (Wellman et al., 2008). Assim, esta evolução, no que toca à utilização das tecnologias pelas crianças, coloca aos pais a difícil tarefa de se atualizarem com regularidade, de modo a poderem acompanhá-las nesta utilização e ajudá-las a encontrar um propósito no seu uso. O tema da mediação parental, ou seja, do papel que os pais desempenham enquanto mediadores do acesso e das práticas digitais das crianças, é um dos grandes temas em debate na literatura, sendo este papel preponderante junto das crianças mais jovens (Rideout & Hamel, 2006). Os pais dão o exemplo, determinam o acesso às tecnologias, estabelecem regras, e são o principal recurso a que as crianças recorrem em caso de dificuldades (Genc, 2014; Rideout, 2014; Vodopivec, 2011).

A utilização da web por crianças pode trazer benefícios, mas juntamente com estes trás a exposição a alguns riscos, como as imagens explícitas, o abuso de utilização de dados pessoais ou controlo da geolocalização (Livingstone & Helsper, 2010; Ólafsson, Livingstone, & Haddon, 2014). Por isso, as atividades que as crianças realizam online e os riscos a que estão expostas é um tema relevante, sendo importante que seja investigado, já que é cada vez mais importante a promoção da segurança online e a capacitação dos pais de crianças mais jovens para essa questão. Para além disso, cada vez mais os pais precisam de estar conscientes e confiantes na utilização das tecnologias para que possam apoiar a

**Entrevistadora: “Têm dicas sobre tecnologias que gostassem de dar a outros pais?”**

**João [PT7f42]: “Acho que anda toda a gente à procura dessa resposta”.**

<sup>1</sup><https://goo.gl/GkVnRG>

<sup>2</sup><https://goo.gl/jYrYKm>

aprendizagem dos seus filhos de forma adequada. O envolvimento parental na educação da criança é chave no sentido de melhorar os resultados das aprendizagens dos filhos (Becta, 2010; Harris, & Goodall, 2008).

Embora a investigação relativa à temática da utilização de tecnologias por crianças tenha vindo a crescer nas últimas décadas, nomeadamente com crianças a partir dos 9 anos de idade (i.e. EU Kids online, realizado desde 2006), estudos com crianças até 8 anos são ainda reduzidos (Given et al., 2014; Mawson, 2013). Também a investigação sobre o papel da família no que concerne à utilização de tecnologias por crianças até 8 anos é limitada, tendo principalmente ênfase em questionários que calculam o número de horas que elas utilizam tecnologias por dia (Plowman et al., 2012). Isto porque torna-se um desafio envolver crianças com menos de 8 anos como participantes ativos em investigação e ter acesso a famílias e ao seu ambiente familiar (residência) para visitas (Plowman et al., 2012).

Apesar destas dificuldades, são já alguns os estudos que demonstraram uma utilização elevada de várias tecnologias (McPake et al., 2013) pelas crianças e pelos pais em casa (Common Sense Media, 2013; Palaiologou, 2014), aumentando assim a importância dos pais e familiares para o meio académico, no sentido de conhecer as utili-

zações de tecnologias, considerando a importância do contexto familiar.

Em 2015, entrevistámos 10 famílias com o intuito de conhecer as utilizações de crianças e tecnologias digitais e quais as percepções dos seus pais. Como forma de dar continuidade ao estudo voltámos a entrevistar oito dessas 10 famílias de modo a perceber se houve alterações, no espaço de um ano, e o porquê dessas alterações: será que as crianças continuam a usar os mesmos dispositivos? Realizam as mesmas atividades? Têm os mesmos gostos? Que novas competências adquiriram? As percepções dos pais alteraram-se? As regras desta utilização são as mesmas ou houve alguns ajustes?

Uma das grandes motivações para a repetição do estudo é o facto de, neste espaço de tempo, as crianças entrevistadas terem desenvolvido significativamente as suas competências de leitura e escrita. Queremos compreender até que ponto essas competências se refletem nas suas práticas digitais. Optamos por colocar em *itálico* palavras que considerámos relevantes enfatizar e o discurso direto dos participantes do estudo.

O trabalho está redigido de acordo com as regras da American Psychological Association (APA).



# 2. Metodologia

# 2.1. Método

**N**este estudo foi utilizada uma metodologia qualitativa, nomeadamente a Grounded Theory, pois pretendeu-se desenvolver teoria “(...) fundamentada em dados sistematicamente recolhidos e analisados (...)” (Strauss & Corbin, 1994, p.2), não se pretendendo partir de teoria já existente, mas sim criar teoria nova. Esta teoria caracteriza-se por, no início da investigação, não se fazerem suposições onde esta poderia ou deveria levar, mas sim basear-se apenas nos dados recolhidos para a criação de teoria substantiva (Charmaz, 2004; Glaser; 1992).

Este ano decidimos desenvolver um estudo longitudinal e voltar a visitar as mesmas famílias que tínhamos estudado em 2015. Neste tipo de estudos as mesmas variáveis são medidas repetidamente em diferentes períodos (Menard, 2002). Segundo Menard, os estudos longitudinais têm dois objetivos: descrever padrões de mudança e estabelecer uma direção (quer seja ela positiva ou negativa ou quer seja de Y para X).

Em 2015, o nosso estudo foi orientado por 4 questões de investigação (apresentadas na Tabela 1), que resultam do cruzamento de dois eixos: um que varia entre a dimensão individual e a familiar; e o outro que varia entre práticas e percepções.

**Tabela 1: Eixos orientadores do projeto e perguntas de investigação.**

	<b>ASPETOS INDIVIDUAIS</b>	<b>CONTEXTO FAMILIAR</b>
<b>PRÁTICAS</b>	<b>PI1:</b> Quais são as práticas digitais de crianças e pais?	<b>PI3:</b> Quais são as práticas digitais da família? E como é que as tecnologias afetam as dinâmicas familiares?
<b>PERCEÇÕES E ATITUDES</b>	<b>PI2:</b> Quais as percepções de crianças e pais sobre riscos e oportunidades, e quais as atitudes relativamente às tecnologias digitais?	<b>PI4:</b> Qual é o estilo de mediação parental (passivo ou ativo; restritivo ou permissivo; implícito ou explícito; invertido)?

Nesta fase longitudinal do estudo, em que visitámos novamente as mesmas famílias, sensivelmente um ano depois da primeira visita, foram definidas 5 dimensões para observação:

- 1. DISPOSITIVOS: novas adoções, desistências, desejos;**
- 2.. ATIVIDADES, INTERESSES, OPORTUNIDADES: novos, abandonos;**
- 3. COMPETÊNCIAS: desenvolvidas, perdidas;**
- 4. MEDIAÇÃO E REGRAS: novas, abandonadas;**
- 5. PERCEÇÕES: alterações.**

Adicionalmente, também questionámos as famílias sobre o impacto da nossa primeira visita.

Este ano decidimos combinar dois métodos, a entrevista em profundidade e o inquérito por questionário. Na nossa visita anterior, observámos que a nossa permanência nos lares era um pouco longa, e que as crianças ficavam cansadas e menos

dispostas a colaborar. Assim, decidimos obter algumas informações sobre o que teria mudado no espaço de um ano antes da segunda visita através de um questionário (Anexo 1), de modo a podermos colocar questões mais específicas e focadas, tanto aos pais como às crianças, durante as entrevistas.



## 2.2. Participantes do Estudo

Conforme referido no relatório do ano anterior, para a seleção dos participantes do estudo foi utilizada uma amostragem teórica. Este tipo de amostra visa a representatividade não da amostra, mas sim dos temas em estudo.

De modo a recordar o processo de escolha destas famílias, apresentamos os critérios utilizados:

- Idade das crianças (no ano anterior o sujeito principal tinha 6 ou 7 anos, este ano a maioria tinha já 8 anos);
- Género;
- Composição familiar (pais divorciados, irmãos mais novos e mais velhos);
- Nível sócio económico (dando preferência a famílias de nível socioeconómico baixo, sempre que possível);
- Intensidade de utilização de tecnologias ('baixo utilizador', utiliza um dispositivo digital pelo menos uma vez por semana; 'utilizador médio', utiliza um dispositivo digital pelo menos duas a três vezes por semana; 'utilizador elevado', utiliza um dispositivo digital pelo menos uma vez por dia.

No estudo anterior foram entrevistadas 10 famílias: família PT1, família PT2, família PT3, família PT4, família PT5, família PT6, família PT7, família PT8, família PT9 e família PT10. Destas 10 famílias entrevistadas, foram entrevistadas oito: família PT1, família PT2, família PT3, família PT4, família PT6, família PT7, família PT9, família PT10. As famílias PT5 e PT8 não se mostraram disponíveis para nova entrevista. A codificação das famílias manteve-se a mesma relativamente ao ano anterior.

Todos os membros das famílias foram codificados de modo a garantir a sua confidencialidade e anonimato. A codificação começa com a sigla "PT", representativa de "Portugal", o número que corresponde à ordem pela qual a família foi entrevistada, seguindo-se o seu relacionamento familiar ou género (f – pai; m – mãe; g – menina; b – menino; gf – avô; gm – avó) e idade. Por exemplo:

- Rapaz de 4 anos da primeira família entrevistada: PT1b4.

A Tabela 2 apresenta em pormenor informação demográfica relativa às famílias participantes no estudo.



**Tabela 2- Informação demográfica das famílias participantes no estudo.**

Código da família	Código de membro	Rendimento familiar	Nacionalidade	Género	Idade	Nível de escolaridade	Profissão dos pais
PT1	PT1m38	Baixo	Português	f	37	Doutoramento	Educadora de Infância
PT1	PT1b7	Baixo	Português	m	7	Primário	
PT2	PT2f40	Médio	Português	m	40	Licenciatura	Consultor
PT2	PT2m40	Médio	Português	f	40	Licenciatura	Consultor
PT2	PT2b9	Médio	Português	m	8	Primário	
PT2	PT2b4	Médio	Português	m	4	Educação Pré-Escolar*	
PT3	PT3f36*	Médio	Português	m	36	Licenciatura	Consultor em tecnologias
PT3	PT3m40	Médio	Português	f	40	3 ciclo	Gerente de produto em telecomunicações
PT3	PT3g8						
PT3	PT3bl*	Médio	Português	f	8	Primário	
PT4	PT4sf39	Baixo	Português	m	39	Secundário	Canalizador e bombeiro
PT4	PT4m29	Baixo	Português	f	29	Secundário	Desempregada
PT4	PT4gl0	Baixo	Português	f	10	Primário	
PT4	PT4b8	Baixo	Português	m	8	Primário	
PT4	PT4b7	Baixo	Português	m	7	Primário	
PT4	PT4b3	Baixo	Português	m	3	Educação Pré-Escolar	
PT4	PT4bl		Português	m	1	-	
PT4	PT4gl		Português	f	1	-	
PT6	PT6m42	Baixo	Português	f	42	3 ciclo	Assistente de saúde
PT6	PT6b8	Baixo	Português	m	8	Primário	
PT7	PT7f43	Médio	Português	m	43	Licenciatura	Engenheiro civil
PT7	PT7m39	Médio	Português	f	39	Licenciatura	Engenheira civil
PT7	PT7b7	Médio	Português	m	7	Primário	
PT7	PT7b2	Médio	Português	m	2	Educação Pré-Escolar	
PT9	PT9m36	Médio	Português	f	36	Licenciatura	Técnica de patologia anatómica
PT9	PT9g8	Médio	Português	f	8	Primário	
PT10	PT10f60*	Elevado	Brasileiro	m	60	Licenciatura	Dentista
PT10	PT10m42	Elevado	Português	f	43	Licenciatura	Psicóloga clinica
PT10	PT10g7	Elevado	Brasileiro	f	8	Primário	

**Nota 1:**

*Os membros da família assinalados com um \* são pais ou irmãos que não vivem permanentemente com as crianças entrevistadas. No caso dos pais, ou porque estão divorciados ou porque estão a trabalhar no estrangeiro no momento das entrevistas; no caso dos irmãos, porque são filhos de outras uniões dos pais. No entanto, esta informação foi incluída pois estão presentes nas vidas das crianças e participam no seu envolvimento com as tecnologias.*

**Nota 2:**

*Toda a informação presente nesta tabela foi providenciada pelas famílias.*

## 2.3. Implementação do protocolo de observação

**A**s visitas foram agendadas telefonicamente, em que a família escolhia a data e hora mais conveniente para as entrevistas. No telefonema foi recordado em que consistia o estudo e quais os seus objetivos. Também pedimos aos pais que preenchessem, antes da nossa visita, o nosso questionário online. O link foi enviado por email. Nos casos em que verificámos que os pais, antes da nossa visita, ainda não tinham respondido, levámos uma versão do inquérito em papel e pedimos aos pais que o preenchessem antes da entrevista.

As entrevistas tiveram início em novembro de 2016 e terminaram em janeiro de 2017.

Das oito entrevistas, duas realizaram-se nas instituições onde as famílias foram contactadas, sendo que as restantes seis realizaram-se nas casas das famílias.

Esta visita estava estruturada em quatro momentos:

*1ª) Introdução, apresentação do propósito da 2ª etapa do projeto (5-10 min):* este primeiro momento decorreu maioritariamente na sala (excetuando as duas famílias que não foram entre-

vistadas nas suas casas), onde a família (pais e filhos) se reuniu com as investigadoras.

Recordámos o objetivo principal do estudo e o porquê desta 2ª etapa, qual o procedimento da visita e proporcionámos os consentimentos informados.

Questionámos os pais se poderíamos tirar algumas fotografias às crianças, enfatizando-se que não se iriam captar as suas faces, mas sim a sua utilização das tecnologias. Foi também questionado se as crianças poderiam utilizar algumas tecnologias durante a entrevista. Todos os pais assentiram positivamente aos pedidos.

*2ª) Atividades para “quebrar o gelo” (25-30 min):* estas atividades foram realizadas com os pais e crianças, em separado. Assim, às crianças foram proporcionados dois conjuntos de imagens: um conjunto consistia em imagens de ícones de aplicações de dispositivos móveis alusivas a jogos, redes sociais, browsers, entre outros, e um outro conjunto a emoticons alusivos a emoções, como “zangado”, “triste”, “feliz”, entre outras (Figura 1). O objetivo seria as crianças agruparem as apps conforme as emoções que lhes despertassem.

**Figura 1:** Conjunto de imagens dadas às crianças para agruparem tendo em conta as emoções que estas lhes despertassem



Aos pais foi dado um conjunto de palavras (Figura 2) e teriam de escolher as que relacionavam com as tecnologias, fazendo um breve comentário justificativo da sua escolha. As palavras eram as seguintes: “aborrecido”, “anti-social”, “arriscado”, “atividade em família”, “com a mãe”, “com o pai”, “curioso”, “desafio”, “difícil”, “discussões”, “distração”, “divertido”, “educativo”, “exploramos juntos”, “fácil”, “informativo”, “interessante”, “irritante”, “necessário”, “são precisas competências para usar”, “social”, “solidão”, “tensão”, “útil” e “viciante”.

3º) Entrevistas semi-estruturadas (25-45 min): após estas atividades de “quebra gelo”, já realizadas em divisões diferentes com pais e filhos, segui-

ram-se as entrevistas. Quando havia irmãos as crianças eram entrevistadas em conjunto, sendo que as opiniões da criança alvo eram as mais destacadas.

As atividades de quebra gelo, conforme referido no relatório do ano anterior, voltaram a ser úteis, colocando as crianças à vontade connosco, embora elas já nos conhecessem e isso também tivesse facilitado a conversação e partilha de informação

4º) Finalização (10-15 min.): no final das entrevistas e das atividades com as crianças agradecemos às famílias a sua disponibilidade em participar no projeto. Às crianças foi oferecido um saco com lembranças proporcionado pelo projeto.

**Figura 2:** Conjunto de palavras dado aos pais para relacionarem com as tecnologias.



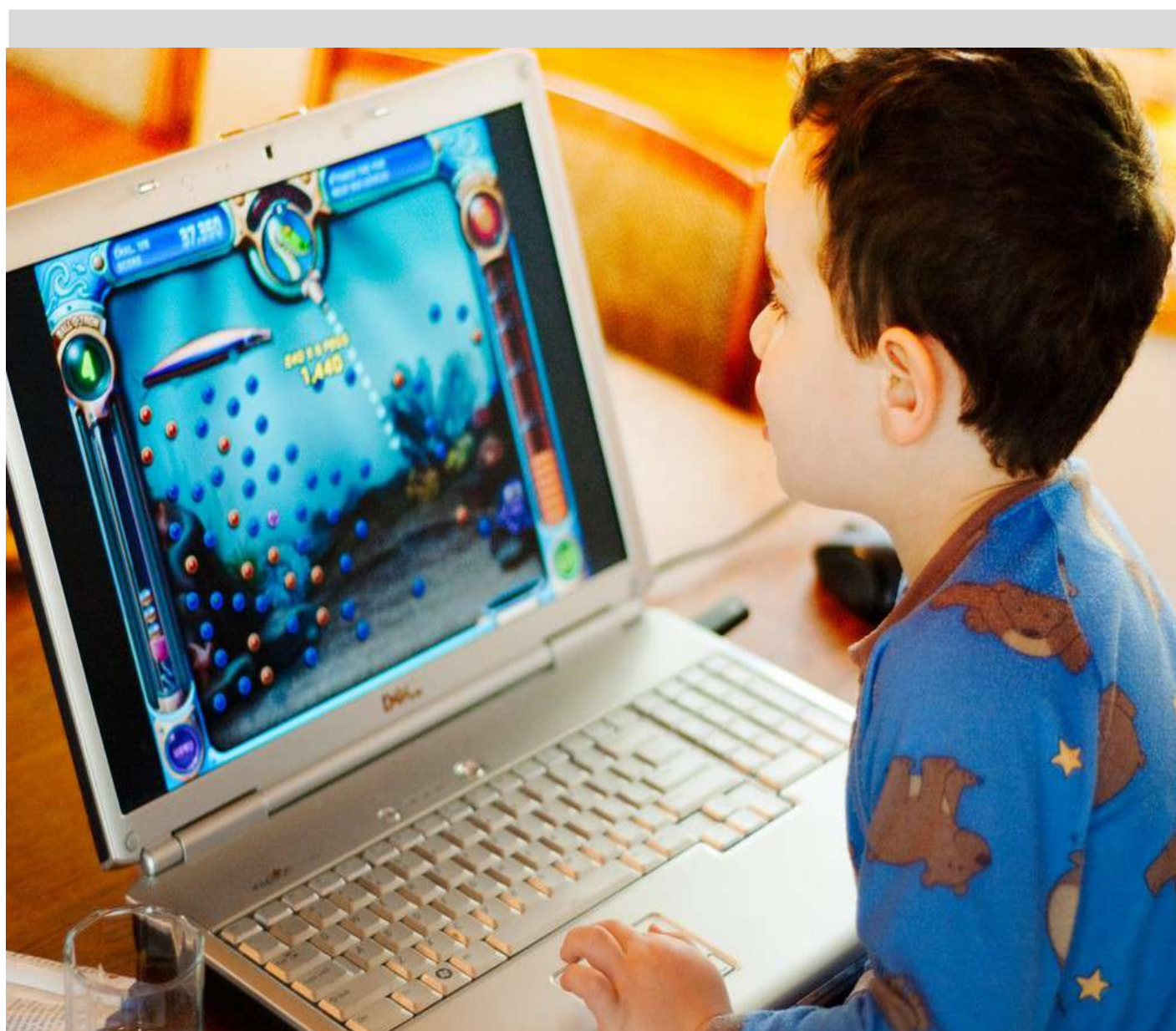
## 2.4. Registo

O registo áudio e fotográfico das entrevistas a pais e crianças foi realizado com os seguintes dispositivos digitais e aplicações:

- Tablet iPad Mini 2 retina, aplicação Audio Memos, versão 4.5.3;
- Smartphone iPhone 6s, aplicação Câmara.

O inquérito por questionário foi construído usando o Google Forms e disseminado por email. A informação dos questionários em papel foi inserida na plataforma Google Form por nós.

Foram também registadas notas a partir da nossa observação participante.



## 2.5. Implementação do protocolo de análise

**A**s entrevistas foram transcritas integralmente. Questões como mudança de tom de voz ou risos foram igualmente registadas. A linguagem coloquial não foi corrigida, por isso as transcrições apresentadas são originais.

Conforme já referido, as entrevistas foram posteriormente codificadas de acordo com a análise temática, utilizando categorias que surgiram a partir das entrevistas e também fundamentadas nas quatro questões de investigação iniciais e nas 5 dimensões definidas para a observação de mu-

danças - seguindo assim a metodologia *Grounded Theory*.

Para a análise dos dados foi também utilizada a análise temática, consistindo numa estratégia de categorização de dados qualitativos. Assim, partiu-se de uma ampla leitura dos dados no sentido de descobrir padrões e desenvolvimento de temas (Boyatzis, 1998).

Sobre o inquérito online, os dados registados online foram exportados para uma base de dados em Excel, e posteriormente realizámos uma análise estatística descritiva simples.



# **3. Que mudanças num ano?**

**Retratos das famílias**

**S**egue-se uma caracterização mais pormenorizada, baseada principalmente nas observações aquando das visitas, tendo em conta cinco aspectos:

- Breve descrição da família (habitação, com quem vive a criança);
- Dispositivos eletrónicos que a família possui em casa;
- Atividades preferidas com tecnologias (dispositivos e atividades preferidas realizadas nos dispositivos, o que estão autorizados a fazer com os dispositivos);

- Nível de utilização das tecnologias pelos pais (elevado, médio, baixo);
- Percepções e atitudes relativamente às tecnologias;
- Mediação parental e regras.

A negrito encontra-se o nome da criança alvo do estudo. Os excertos dos diálogos apresentados são retirados das entrevistas. A linguagem não foi corrigida, mantendo-se a original.



# Família PTI

## Lisboa, Portugal

### MEMBROS DA FAMÍLIA

- Susana, PTIm38
- Vicente, PTIb8, 3 ano do I ciclo

**N**o ano anterior o Vicente [PT1b8] gostava muito de jogar futebol na PlayStation, não dando muita importância ao tablet (oferecido pelo avô) nem ao smartphone da mãe. A mãe protestava, dizendo que ele passava horas perdidas na consola e que só parava de jogar se a mãe desligasse a consola no botão. Nesta entrevista mais recente a situação alterou-se: a PlayStation estragou-se e o tablet partiu-se, para contentamento da Susana [PT1m38]: “Fiquei contente quando a PlayStation se estragou! Assim só tenho uma luta, que é o tablet. Antigamente tinha duas, que era o tablet e a PlayStation” [PT1m38]. No entanto o avô ofereceu outro tablet ao Vicente [PT1b8], contra vontade da mãe: “fiquei um bocadinho aborrecida por o avô lhe ter dado outro tablet, porque eu preferia que ele não tivesse e que se dedicasse mais à leitura, aos jogos de futebol com os amigos...” [PT1m38]. Visto este tablet novo ter mais capacidade, o Vicente [PT1b8] faz agora uma exploração mais aprofundada do que fazia com o anterior: “O outro tablet era mais fraquinho e ele só tinha um ou dois jogos e neste ele já tem DOZE jogos instalados!”, diz a mãe Susana [PT1m38] admirada. O tablet novo tem mais memória e é mais rápido a processar, fazendo com que o Vicente [PT1b8] instale mais jogos, algo que provavelmente o terá cativado para uma maior utilização. A mãe refere também que o facto de ser portátil faz com que o filho o transporte para todo o lado. Para além disso, diz que as competências de leitura e escrita do filho aumentaram e ele agora consegue ser mais autónomo no uso dos dispositivos.

O Vicente [PT1b8] diz que o tablet agora é o seu

dispositivo preferido por ser mais interativo, “com o tablet posso jogar e a televisão é só ver” [Vicente, PT1b8].

Para além dos jogos ele tira fotografias e faz pequenos filmes, não realizando outras atividades no tablet.

A par do uso do tablet, a utilização do smartphone (que pertence à mãe) aumentou. Também usa o computador portátil da mãe, embora com pouca frequência porque a mãe tem medo que ele o estrague, e gosta muito de ver o Cartoon Network.

O Vicente [PT1b8] gostava de ter um smartphone, pois diz que este é muito portátil e pode levá-lo para todo o lado. Para além disso, o smartphone tem dados móveis e “podemos apanhar Pokémons quando quisermos e os tablets não” [Vicente, PT1b8]. Também desejava muito ter uma PlayStation nova.

Na escola os amigos do Vicente [PT1b8] levam os seus tablets e trocam nomes de jogos novos e ideias sobre estes.

Sabe que a palavra passe pode proteger os dispositivos caso haja um roubo e tem uma ideia do que são vírus informáticos.

Relativamente a regras, estas permanecem as mesmas do ano anterior: de manhã não pode jogar porque tem aulas; nos dias em que o Vicente [PT1b8] tem atividades extra curriculares também não pode jogar; quando joga não pode ser durante tempo excessivo. Por iniciativa própria, o Vicente [PT1b8] fez um horário (dias de semana e fim de semana) de modo a visualizar quando podia e não podia jogar.

**“Os jogos fazem mal à mente, é o que a minha mãe diz, não faz bem jogar. Então eu queria que os jogos fizessem bem e os livros fizessem mal para jogar mais”, Vicente [PT1b8].**

	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
De Manhã	Sem tablet	Sem tablet	Sem tablet	Sem tablet	Sem <del>tablet</del> tablet
De tarde	Sem tablet	Com tablet 30 Min.	Com tablet 30 min.	Sem tablet	Com tablet 15 min.
	História	História pequena	História pequena	História	História pequena

	Sábado	Domingo
De Manhã	10 min. de tablet	15 min. de tablet
De Tarde	Sem tablet	1 hora <del>de</del> de tablet

**N**o entanto, este horário não é cumprido e o Vicente [PT1b8] todos os dias pede à mãe para jogar, ao qual ela acede, acabando por estar uma ou duas horas a jogar, originando a que a mãe se zangue com o filho, pois só pára de jogar quando lhe tira o tablet, inclusivamente em lugares públicos.

A mãe já tentou várias vezes cativar o filho para instalar aplicações mais pedagógicas. Por exemplo, todas as aplicações que ele tem referem-se a jogos que estão em inglês e por vezes ele pergunta à mãe o significado de palavras. Por sua vez, a mãe perguntou se ele queria instalar alguma aplicação para aprendizagem de inglês, ao que ele responde prontamente que não, que o tablet é apenas e exclusivamente para jogar. O avô tenta também que o Vicente [PT1b8] escreva no processador de texto do tablet, referindo que o ofereceu igualmente para questões mais pedagógicas, mas ele quer apenas jogar, “já está um bocado viciado naqueles jogos (...), não quer o jogo do inglês, não quer o Word, só quer futebol e Pokémons” [Susana, PT1m38].

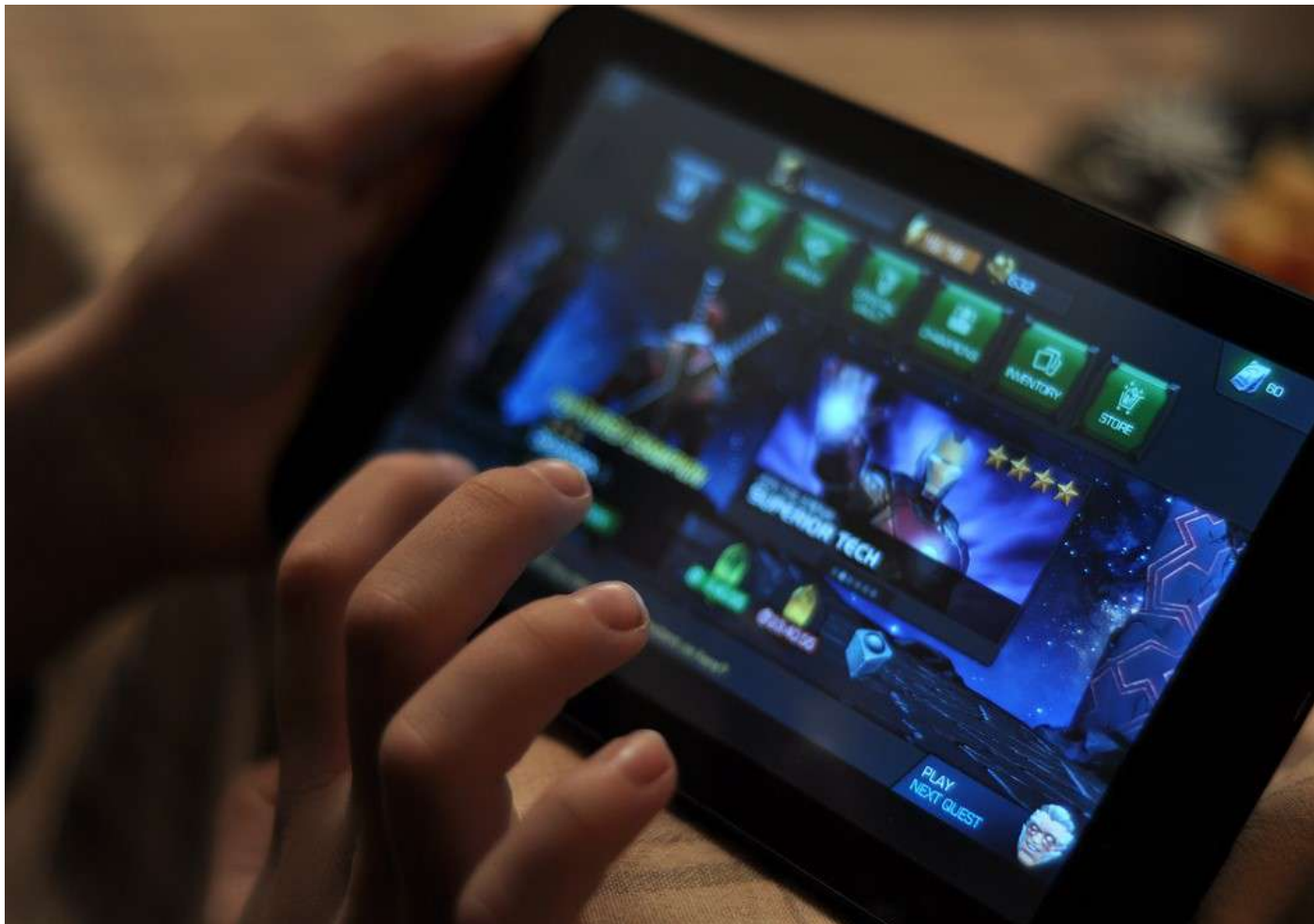
Na escola o Vicente [PT1b8] tem um computador na sala, no entanto é do professor e os alunos

não o utilizam para pesquisas.

A Susana [PT1m38] considera as tecnologias benéficas para as aprendizagens das crianças, mas tem dificuldade em fazê-lo com o seu filho porque ele só quer jogar jogos. Considera também que esta utilização tem de ser muito mediada pelo adulto. Não concorda que os pais deixem os filhos horas a fio a jogar nas tecnologias e por isso promove bastantes atividades no exterior para o Vicente [PT1b8].

Relativamente à segurança online, ainda não falou com o filho sobre essas questões, no entanto diz “estou um bocado despreocupada nesse sentido, mas acho que está na hora, se calhar, de pôr os filtros, não é? Não sei como é que se chama... para barrar, para não ver determinadas coisas. Não sei como é que isso funciona mas sei que existe” [Susana, PT1m38]

Como palavras chave a Susana [PT1m38] destaca mais questões negativas do que positivas, corroborando com o seu discurso da entrevista. Considera as tecnologias relevantes para pesquisas, mas visto serem fonte de desentendimento entre mãe e filho, também as apelida de “anti-social”, “discussões” ou “irritante”.



# Família PT2

## Lisboa, Portugal

### MEMBROS DA FAMÍLIA

- Paulo, PT2f41
- Clara, PT2m41
- António, PT2b9, 4 ano do 1 ciclo
- Marco, PT2b4, pré-escolar

**A** família PT2 recebeu-nos novamente na sua casa com entusiasmo. Quando chegámos, os irmãos António [PT2b9] e o Marco [PT2b4] lembravam-se de nós e estavam ansiosos para nos mostrar novidades relativas às suas tecnologias e ao uso que fazem delas.

Durante o ano que passou desde a nossa última visita, os pais não relatam nenhuma mudança significativa na família. Referem apenas que a mãe voltou a estudar, e por isso tem estado mais ocupada e o pai tem assumido um papel mais preponderante junto das crianças. Assim, a supervisão das práticas digitais das crianças está mais a cargo do pai, que o faz acompanhando e ensinando. Por exemplo, relata que o António [PT2b9] começou a seguir alguns *Youtubers*, e que quando os conteúdos que visualiza são disparatados, ou têm linguagem ofensiva, lhe diz para não ver.

Não houve mudanças relativamente aos dispositivos tecnológicos disponíveis no lar. Os pais confienciaram-nos que irão oferecer um smart watch infantil ao António [PT2b9] pelo Natal.

As crianças têm acesso a todos os dispositivos do lar, excepto aos smartphones dos pais. Na visita anterior, a mãe confidenciou que deixava o Marco [PT2b4] usar o seu smartphone quando necessitava de o manter entretido, o que já não acontece porque ele tem o seu próprio tablet (acabou por ficar com o da mãe, que o utilizava pouco). As crianças deixaram de usar tanto a consola Wii e usam sobretudo os tablets. Contudo, o António [PT2b9] partilhou connosco que gostava muito de ter uma consola PlayStation, até está a juntar dinheiro para isso, e os pais prometeram-lha se tiver boas notas. Ao contrário do esperado, a utilização do computador portátil pelo António [PT2b9] não evoluiu muito, pois continua a não necessitar de o usar para estudar ou para trabalhos escolares. Nas poucas vezes em que o usa, ainda necessita da ajuda do pai.

O António [PT2b9] pode usar livremente o tablet,

mas o Marco [PT2b4] tem que pedir aos pais para introduzirem no seu a password, que não sabe. Foi a forma que os pais encontraram de controlar o seu tempo de uso, que tende a ser excessivo. Sem a password, usa o tablet apenas para ouvir música. Os irmãos costumam brincar com os tablets individualmente, mas em espaços comuns, como a sala de estar e a cozinha, e não nos quartos. A atividade favorita do António [PT2b9] continua a ser jogar, e mantém muitos dos mesmos interesses por jogos desportivos, especialmente futebol. A grande diferença que observámos é uma maior competência nas pesquisas, quer de vídeos no YouTube, quer sobre interesses próprios no Google. A proficiência na escrita e na leitura permitiu ao António [PT2b9] alargar as suas atividades online, pesquisar e aprender sobre os seus interesses, e obter entretenimento. O menino também revela autorregulação, pois fala-nos de jogos que experimentou e não quer repetir porque o assustaram, “(...) são assombrosos!” [António, PT2b9]. Também diz que já não está “(...) tão viciado (...)” porque quando perde “(...) começo a ficar irritado e depois já não me apetece jogar” [António, PT2b9]. É também capaz de usar o tablet para gerir as próprias emoções: “Às vezes tenho de implorar ao meu pai [para levar o tablet] porque quando vamos ao Continente [supermercado] eu fico aborrecido, vejo lá muita comida e apetece-me comer e não posso comer (...), há lá brinquedos e eu não posso comprá-los” [António, PT2b9].

Os pais já conversaram com ele sobre a necessidade de avaliar a veracidade da informação online, e de confrontar várias fontes de informação. O pai também lhe explicou alguns temas relativos à privacidade, que não deve jogar jogos que lhe peçam acesso à câmara, ao microfone e à localização. Ainda assim, o António [PT2b9] diz-nos que gostava de ter um perfil no Facebook porque o pai vê lá muitos vídeos divertidos. Contudo, o pai disse-lhe que só o poderá fazer quando for adulto, aos 18 anos.

**“[Quando está a jogar com o tablet] Ele [António, PT2b9] atinge um poder de concentração tal que tudo o que está à volta dele não existe. Posso estar a falar com ele que ele esquece completamente”, Paulo [PT2f4].**



Os pais mantêm uma utilização intensa das tecnologias digitais. A mãe utiliza-as sobretudo para o trabalho, e o pai utiliza tanto para trabalho como para entretenimento. A família gosta muito de realizar atividades desportivas no exterior, como andar de caiaque ou BTT. A mãe começou recentemente a publicar no Facebook sobre estas atividades. Conta-nos que tem sempre o cuidado de resguardar a segurança dos filhos, usando fotos à distância ou sem focar os seus rostos, mas destaca também que tem sido gratificante estar em contacto com outras famílias que partilham os mesmos interesses. O pai diz-nos que aos domingos, as crianças não querem sair de casa porque preferem ficar a jogar com o tablet, mas depois acabam por ir e por se divertirem. Assim, os

pais dão preferência a estas atividades ao ar livre do que às tecnologias digitais. Por exemplo, a perspetiva dos pais relativamente à aquisição da Playstation é “Nós estamos a adiar um bocadinho a dar-lhe a Playstation, porque achamos que é mais uma distração que faz com que ele esteja mais motivado para coisas menos culturais e menos ligadas ao meio ambiente e à natureza. Porque nós, desde o ano passado para este ano, aumentámos muito as atividades que fazemos com eles ao ar livre. (...) Mas lá teremos de lhe dar a Playstation, se não ele morre de desgosto” [Clara, PT2m41].

Quando pedimos aos pais que escolhessem algumas palavras-chave que associassem às tecnologias digitais, as opções foram: útil, educativo,

anti-social, divertido e viciante. As percepções e atitudes dos pais relativamente às tecnologias digitais continuam ambivalentes: o pai tem uma visão mais positiva, destacando o seu potencial para estimular aprendizagens e a criatividade; já a mãe tem uma perspetiva mais utilitária, dizendo que mantêm as crianças calmas e são úteis para as distraírem. O pai destaca uma atividade escolar em que aprenderam a programar usando uma aplicação chamada Scratch, e que considerou muito benéfica. A mãe continua a achar que as tecnologias digitais têm enorme potencial pedagógico e didático, mas tem ainda menos tempo para o explorar com os filhos. Ambos reconhecem uma faceta viciante nas tecnologias, e confessam que, se não implementassem regras, os filhos jogariam durante demasiado tempo. As regras continuam a assentar sobretudo na limitação do tempo de utilização: mantém-se a proibição de usar os tablets e a consola durante a semana, e acrescentaram antes de dormir (mas o António [PT2b9] confessa jogar às escondidas). E mesmo durante o fim de semana, os pais direcionam-nos para outras atividades, geralmente no exterior. Sobre software e filtros de

controlo parental, os pais continuam a afirmar que não acreditam que essa seja a solução, mas sim a informação e o diálogo. Contudo, ainda não sentiram necessidade de abordar mais temas com o António [PT2b9], pois consideram que os seus usos ainda não são arriscados. Por exemplo, a utilização de redes sociais está proibida, bem como do email. Para os pais, a possibilidade de contactar com estranhos é o principal perigo que a internet implica. O António [PT2b9] também já pediu aos pais um smartphone, mas os pais estão bastante relutantes, precisamente porque é um dispositivo que fomenta o contacto com outras pessoas. Reconhecem que há grande pressão social nesse sentido, pois vários dos amigos do António [PT2b9] já têm, mas estão a retardar ao máximo essa decisão.

Aproveitámos a oportunidade para perguntar ao António [PT2b9] como seriam as tecnologias digitais no futuro. Responde-nos que haverá naves, ecrãs que se dividem em tábuas e que podemos ligar aos tablets em qualquer lugar, e medicamentos que curam tudo. Remata afirmando que quer ser cientista.



# Família PT3

Lisboa, Portugal

## MEMBROS DA FAMÍLIA

- Vasco, PT3m36
- Marisa, PT3f41
- Leonor, PT3g8, 3 ano do 1 ciclo
- Simão, PT3bl

**E**ntrevistámos a Leonor [PT3g8] e a sua mãe na casa de ambas. Mantém-se o mesmo contexto familiar, em que os pais são divorciados, e a guarda da criança é partilhada, estando com cada um dos progenitores em semanas alternadas. No agregado materno não houve alterações, mas no agregado paterno, que já incluía a madrasta [Mónica, PT3m34], nasceu entretanto um irmão [Simão, PT3b1], novidade que a Leonor [PT3g8] partilha connosco com muita alegria.

O lar da família PT3 continua a não ter muitas tecnologias, e a que mais utilizam continua a ser a televisão. A mãe tem smartphone e trás mais vezes o computador portátil do trabalho para casa, até porque a filha lho pede com mais insistência. Isto acontece porque a menina já o usa para trabalhos escolares, sobretudo pesquisas na Wikipédia. A menina tem um tablet, que lhe foi oferecido pelo pai, e que geralmente fica em casa dele. A Leonor [PT3g8] tem autorização para usar livremente todos os dispositivos do lar, e costuma fazê-lo nos espaços comuns, como a sala e a cozinha.

A mãe reitera que continua a haver uma grande discrepância entre a sua perspectiva relativamente às tecnologias digitais e a do pai da Leonor [PT3g8]. O pai utiliza-as intensamente e considera-as importantes, ao passo que para a mãe, embora reconhecendo que serão importantes no futuro, são algo a evitar durante a infância. Assim, comenta: “Na casa do pai, é uma pessoa mais desligada, porque utiliza muito as tecnologias. E na minha casa sempre foi uma criança muito mais de afetos, do toque” [Marisa, PT3m41].

A mãe reconhece vantagens e desvantagens nas tecnologias. São úteis, e confessa utilizá-las como sistema de recompensas e castigos, e também proporcionam aprendizagens e satisfazem a curiosidade. Contudo, desagrada-lhe o facto de dei-

xarem as crianças nervosas e stressadas. Inclusivamente, a Leonor [PT3g8] já teve episódios de sonambulismo que foram solucionados limitando o tempo de utilização do tablet e da televisão. Agora já voltou a ter mais liberdade, mas os pais ainda evitam conteúdos que a possam assustar (como o Monster Legends, um jogo que a menina aprecia) e aconselham-na a não ver televisão ou usar tecnologias digitais antes de dormir. As competências digitais da Leonor [PT3g8] evoluíram bastante. Não só revela destreza nos jogos e na sua gestão (instalação e desinstalação, organização e seleção), também é capaz de pesquisar informação e de criar os seus próprios conteúdos, como fotografias e vídeos, e editá-los. Sabe ligar a redes Wi-Fi, mesmo fora de casa, e introduzir as passwords. Gosta muito de música, paixão que partilha com a mãe, e o visionamento de vídeos no YouTube é uma atividade que habitualmente fazem em conjunto, e por vezes dançam e cantam. A mãe vê com curiosidade o seu interesse por vídeos que retratam brincadeiras com a Barbie. Não compreende porque a filha prefere ver esses vídeos em vez de ir brincar com as bonecas que tem e usar a sua própria imaginação. Gostava muito de ver tutoriais, sobretudo de maquilhagens, mas agora já não gosta.

A Leonor [PT3g8] mostra que está a entrar na pré-adolescência, pois os seus gostos relativamente a atividades digitais já não estão tão ligados aos universos infantis, mas mais à música e a universos ficcionais para adolescentes. Isto faz com que tenha desenvolvido estratégias para pesquisar conteúdos em inglês, sendo curiosa a forma como “canta” várias músicas. Além disso, afirma que gostava de usar o Facebook para falar com as amigas, mas reconhece que as amigas também ainda não usam esta rede social. Também nos declara, orgulhosa, que não precisa de pedir ajuda ao pai ou à mãe para nada.

**“Parece que se tornam zombies [quando estão a jogar no smartphone]! (...) Agora é tudo muito rápido. A única coisa em que ficam concentrados é a olhar para aquele ecrã”, Marisa [PT3m41].**



O estilo de mediação parental da mãe combina um acompanhamento próximo, em que a mãe participa nas atividades com a criança e procura estimular aprendizagens, com uma supervisão atenta. A mãe recorre a filtros de controlo parental, mas ao mesmo tempo aposta no diálogo, e já abordou alguns temas com a filha, como a negociação e justificação de regras, a privacidade, e os perigos das redes sociais. Não limita o tempo de utilização, mas procura geri-lo da melhor forma, direcionando a criança para outras atividades que podem fazer em conjunto, como jogos, leituras, experiências, trabalhos manuais, ou atividades no exterior quando está bom tempo. A mãe salienta que o que menos gosta nas tecnologias é que elas acabam por reduzir a atenção da menina para com a mãe. A mãe sente que passam menos tempo juntas e que a filha não lhe dá atenção: “Nós tivemos uma discussão esta semana em que eu lhe disse que o telemóvel iria ter de acabar, porque eu estou em casa e às vezes sinto que estou sozinha” [Marisa, PT3m41]. Assim, procura ativá-la para outros interesses que gerem mais interações entre ambas.

A mãe preocupa-se bastante com a utilização de redes sociais no futuro, e com a aquisição do smartphone. A Leonor [PT3g8] já revela muito interesse, e opina sobre as publicações da mãe que lhe dizem respeito: “Não vais meter isso no Facebook, pois não? [diz a Leonor sobre um vídeo em que a mãe a filmou a dançar ao som de um videoclip] É que depois a minha professora vê e depois todos os meus colegas vão gozar comigo”. Vai tentar retardar, mas sabe que quando as amigas começarem a ter, será inevitável. Para já, avisou a PT3g8 que terá que esperar até aos 15 anos. Atualmente, as suas principais preocupações são um interesse da menina pela descoberta do corpo, e o distanciamento entre ambas que as tecnologias promovem, e que a mãe considera serem precoces: “Eu preciso é de ajuda, que eu ando em pânico. Alguém que já tenha passado por isto que me acalme. Não sei lidar com nada disto. Desde as músicas que ela ouve, até às danças que ela faz. (...) Eu não acho piada. Não sei lidar com esta independência precoce” [Marisa, PT3m41].

As palavras-chave escolhidas pela mãe em associação às tecnologias digitais revelam o carácter paradoxal que estas ocupam no quotidiano desta família, pois muitas são opostas: viciante e irritante, mas útil e informativo; social e anti-social ao mesmo tempo; necessário mas difícil; fonte de distração mas também educativo. A mãe destaca as tensões e mesmo discussões que as tecnologias começam a despoletar no lar, e dá um exemplo: “(...) eu dou o telemóvel à minha filha porque eu preciso de ter tempo para fazer as coisas, mas depois, quando eu terminei, quero que a minha filha esteja presente. E ela não consegue mudar o mindset. Esta alteração de mindset, de um momento para o outro, gera tensão. Leva tempo. E nem sempre há tempo” [Marisa, PT3m41].



# Família PT4

Lisboa, Portugal

## MEMBROS DA FAMÍLIA

- José, PT4f39
- Vanessa, PT4m29
- Soraia, PT4gl0, 5 ano do 2 ciclo
- Marcelo, PT4b8, 3 ano do 1 ciclo
- Timóteo, PT4b7, 2 ano do 1 ciclo
- Joaquim, PT4b3, pré-escolar
- Pedro, PT4bl
- Isabel, PT4gl

**A**o momento da entrevista a família vivia separada, pois a mãe Vanessa [PT4m29] tinha acabado de ter gémeos [Pedro, PT4b1 e Isabel, PT4g1] e a casa onde vivem é bastante pequena. Assim, o Marcelo [PT4b8] e o Timóteo [PT4b7] vivem com os avós, indo para casa da mãe no fim de semana. A Soraia [PT4g10] e o Sandro [PT4b3] vivem com os pais [PT4m29 e PT4f39]. A casa é muito pequena, tem um quarto, uma sala, uma cozinha e uma casa de banho. A Vanessa [PT4m29] foi entrevistada na sua casa e o Timóteo [PT4b7] foi entrevistado na casa dos avós. Os avós vivem também numa casa muito modesta, a poucos quilómetros de distância.

Relativamente a tecnologias, na casa da mãe existe uma televisão, o smartphone da mãe e do pai. Na casa dos avós existe uma televisão, Wi-Fi, o smartphone do avô e da avó.

Na entrevista anterior cada irmão tinha um tablet, oferecido pelo avô contra a vontade da mãe, pois não é apologista da utilização de tecnologias pelos filhos. No entanto apenas um funcionava. Pouco tempo depois esse também acabou por se estragar. Gostavam muito de jogar PlayStation e inclusivamente jogavam-na com a mãe, mas agora estão de castigo porque não fazem os trabalhos da escola e estão proibidos de jogar. Para além disso, a mãe queria ver televisão e nunca podia porque os filhos estavam sempre a jogar.

Os irmãos, à exceção dos gémeos, jogam no smartphone da Soraia [PT4g10], da mãe e dos avós. O Marcelo [PT4b8] e o Timóteo [PT4b7] jogam com mais assiduidade nos smartphones dos avós, pois estes dão-lhos para se entreterem e estarem mais sossegados. Gostam muito de aceder a vídeos no YouTube, pesquisas estas lidera-

das pelo Marcelo [PT4b8], que gosta de ver vídeos violentos.

A mãe diz que ofereceu o smartphone à Soraia [PT4g10] porque ela se porta bem e por motivos de segurança.

Na entrevista do ano anterior a mãe Vanessa [PT4m29] mostrou pouco interesse que os filhos utilizassem as tecnologias, preferindo que brincassem na rua e se sujasse, ao invés de estarem em casa a jogar. Para além disso, considera as tecnologias perigosas, principalmente as sociais, e acentuou que se desconfiasse que na utilização do smartphone a filha acedia a qualquer tipo de rede social, retirava as tecnologias a todos os filhos. Na entrevista mais recente a mãe partilha que no ano anterior houve uma altura em que deu mais liberdade à Soraia [PT4g10] e o marido [José, PT4f39] criou-lhe um perfil no Facebook. Qualquer tipo de atividade neste perfil aparecia registada no smartphone do padrasto, controlando assim este uso. A mãe disse que a filha pediu para ter este perfil porque os amigos também tinham. Mas algum tempo depois eliminou o perfil da filha porque os amigos tinham conversas com ela que não agradavam à mãe. Para além disso quando a Soraia [PT4g10] ia para casa dos avós a mãe já não tinha controlo na utilização do Facebook. A mãe tem receio que ela contacte com estranhos ou que tenha acesso a imagens menos próprias. Apesar disso, consultando o Facebook da Soraia [PT4g10] é possível encontrar o seu perfil com publicações muito recentes.

O Marcelo [PT4b8] utiliza o perfil de Facebook da mãe, instalado no smartphone da avó, pois fala com o pai pelo chat (vídeo chamada) ao fim do dia, duas vezes por semana. Para além disso, o Marcelo [PT4b8] e também o Timóteo [PT4b7]

---

**“Prefiro que se sujem todos, que venham todos rotos, com uma nódoa negra aqui porque caíram do que estarem um dia inteiro fechados em casa a olharem para um quadrado de vidro e com os phones nos ouvidos com aquilo aos berros”, Vanessa [PT4m29]**



Ma

27/4 às 19:29 · @

atualizou a sua foto de perfil.



usam os smartphones dos avós para instalarem/desinstalarem apps e jogarem. O Timóteo [PT4b7] ainda não sabe escrever, utilizando a função do microfone para procurar e instalar apps. Ele sabe o que é uma palavra passe porque a mãe tem no smartphone. Quando o Marcelo [PT4b8] está de castigo a mãe proíbe a avó de lhe dar o smartphone, justificando que o filho está muito preguiçoso na escola e não quer fazer os trabalhos. No entanto por vezes os avós autorizam esta utilização para ele estar sossegado. O Marcelo [PT4b8] gosta de aceder ao YouTube e de ver

vídeos de terror. Esta pesquisa é feita com mais assiduidade na casa dos avós. A mãe diz que os avós têm pouca paciência para os netos e acabam por dar-lhes os smartphones para estarem sosse-

gados. Sempre que os avós acham que os netos estão a jogar há tempo demais, tiram-lhes os smartphones. Quando a Vanessa [PT4m29] vai buscar os filhos na sexta feira à casa dos avós eles vêm a comentar o que visualizaram toda a semana nos smartphones dos avós, maioritariamente vídeos que veem no YouTube que recorrem a violência. Ela diz que o Marcelo [PT4b8] é que gosta mais desses vídeos e jogos violentos, uma vez instalou um jogo em que o objetivo era esmagar a cabeça das personagens. O Timóteo [PT4b7] é influenciado pelo irmão e acaba por jogar esses jogos. Na casa da mãe este acesso é mais controlado, até porque não têm Wi-Fi. Para além disso, só podem usar as tecnologias depois de fazer os trabalhos da escola. Usavam o smartphone da mãe

com muita assiduidade, utilização que acabava em desentendimento, pois só há um. Ela acabou por colocar um código no dispositivo e quando os filhos querem utilizá-lo têm de lhe pedir. Quando vão ao café a mãe também os deixa jogar um pouco. Para o Timóteo [PT4b7], quando os dispositivos apanham vírus é necessário comprar outros novos.

No que concerne à utilização das tecnologias para questões mais pedagógicas, tanto a professora do Marcelo [PT4b8] como a do Timóteo [PT4b7] não pedem qualquer tipo de consulta em casa. No ano anterior a Soraia [PT4g10] utilizava o tablet para fazer algumas pesquisas para a escola, no entanto mudou de casa e atualmente não tem internet. A professora continua a fazer alguns pedidos de trabalhos através do email, mas a mãe reclama, mostrando-se desagradada, pois já não tem Wi-Fi em casa, não têm computador (os filhos estragaram-no) e não tem como fazer face aos pedidos, tendo já enviado um pedido à professora para ter em conta a sua situação. Na sala de aula, na escola, o Timóteo [PT4b7] e o Marcelo [PT4b8] têm um quadro interativo e um computador, mas só o professor pode usar o computador. Por vezes o professor chama algumas das crianças para escrever no quadro.

A perceção da mãe Vanessa [PT4m29] relativamente às tecnologias mantém-se desde a entrevista anterior e diz que o marido é da mesma opinião. Não é apologista da utilização das tecnologias pelos filhos e é contra as pessoas estarem à mesa e constantemente a utilizar o telemóvel em vez de conversarem. “(...) Cada vez inventam mais coisas de maneira a que as pessoas não consigam interagir umas com as outras” [PT4m29].

A Vanessa [PT4m29] e o marido José [PT4f39] já se preocuparam em falar com a Soraia [PT4g10] relativamente a questões de segurança digital,

chamando-a a atenção sobre conteúdos menos próprios que existem online. Ainda não o fizeram com o Timóteo [PT4b7] e o Marcelo [PT4b8] porque a Vanessa [PT4m29] diz acompanhar muito a sua utilização digital, pois quando eles querem instalar uma app têm de lhe pedir autorização. Para além disso “Não vão ao Facebook, não vão a lado nenhum. Só YouTube e jogos” [PT4m], justificando assim esta questão.

Na opinião da Vanessa [PT4m29], nos dias de hoje os pais tentam compensar a sua ausência da vida dos filhos com tecnologias e por isso eles passam muito tempo a utilizá-las. Para além disso, é da opinião que é necessário controlar esta utilização, pois a internet tem conteúdos que não são indicados para as crianças. Por isso faz questão de controlar a utilização dos filhos e passou a controlar mais o uso da filha. Não obstante, refere também aspetos positivos neste uso, como a questão de pesquisa de informação específica para trabalhos escolares. No entanto, esta pesquisa para assuntos escolares deve ser controlada com a presença do professor. Fora isso, não terá utilidade. A tecnologia é o último recurso.

As palavras escolhidas pela mãe Vanessa são como que um resumo das suas ideias relativamente às tecnologias: são interessantes para pesquisas e quando as utilizam em casa para tal juntam-se todos em volta da mesa para aprender, e são divertidas, pois por vezes a mãe joga com os filhos na PlayStation. No entanto as restantes ideias são mais de âmbito negativo: não são sociais, provocam solidão, não relaxam porque os filhos acabam por se desentenderem, pois todos querem jogar, não as considera seguras e, por fim, são motivo de discussão, pois o José [PT4f39] costumava aceder bastante ao Facebook, algo que a Vanessa não gostava.



# Família PT6

Lisboa, Portugal

## MEMBROS DA FAMÍLIA

- Cristina, PT6m42
- Mateus, PT6b8, 3 ano do I ciclo

**O** Mateus [PT6b8] tem um tablet, uma Playstation e uma PlayStation portátil, um computador e um telemóvel. O seu dispositivo preferido permanece o tablet, conforme o ano anterior.

Quem ofereceu o primeiro tablet ao Mateus [PT6b8] foi o pai. Mais recentemente ofereceu-lhe outro com mais capacidade que passou a ser o seu preferido. O tablet novo está em casa do pai e por vezes também traz para casa da mãe.

A mãe já no ano anterior revelou não ser muito entusiasta da utilização de tecnologias e a opinião mantém-se. Quando o pai ofereceu o primeiro tablet ao filho a mãe considerava que não era adequado para a idade dele, mantendo esta opinião relativamente ao tablet novo: “Quando [o pai] lhe comprou este [tablet antigo] achei péssimo. E ter um segundo, pior ainda. (...). Aquilo é acima da média, nem é para a idade dele! O pai às vezes faz uma coisa que é, se tiver que levar o filho a algum lado, o Mateus [PT6b8] vai na parte de trás do carro com aquilo, e eu acho mal” [PT6m42].

No tablet o Mateus [PT6b8] joga Minecraft, usa a calculadora para fazer contas, vê vídeos e ouve músicas no YouTube, tira fotografias e faz vídeos. Gosta particularmente de ver vídeos sobre temáticas que lhe interessem, pois diz que estão sempre a aparecer vídeos novos. Os que mais gosta de ver são sobre animais e informações sobre ilusão ótica. A mãe diz que ele está bastante mais proficiente a utilizar o tablet, comparativamente ao ano passado, pois já sabe escrever e pesquisa o que deseja.

Em casa da mãe joga maioritariamente sozinho. A situação é diferente na casa do pai, onde jogam juntos, inclusivamente um jogo de zombies que o Mateus [PT6b8] não tem instalado no seu tablet mas joga no tablet do pai. Na PlayStation o pai também acompanha o Mateus [PT6b8]. O computador está estragado, com vírus, e por isso não o utiliza.

A mãe comprou-lhe o telemóvel (não é um smartphone) só para ele levar para casa do pai e ligar ao filho e vice versa. Não o pode levar para a escola. Os outros dispositivos também são utiliza-

dos exclusivamente em casa.

Na escola o Mateus [PT6b8] continua a ter aulas de informática, pagas pelo pai e à parte da mensalidade, apressando-se rapidamente a acrescentar que também tem aulas de xadrez, que “(...) desenvolve muito (...)” [Cristina, PT6m42].

No ano anterior a mãe disse não necessitar de impor regras de utilização dos dispositivos digitais pelo filho devido à utilização não excessiva, principalmente do tablet. Ele jogava jogos como o Tetris e puzzles, no entanto os seus gostos e regras alteraram-se.

A imposição de regras iniciou-se quando ele via tutoriais do jogo Minecraft, jogo de que gosta muito. Um dia a mãe apercebeu-se que os tutoriais tinham linguagem inapropriada e colocou-o de castigo. O pai também o colocou de castigo e proibiram-no de utilizar o tablet durante um tempo. A partir daí a mãe impôs-lhe regras. A primeira foi a proibição de assistir aos tutoriais, embora a mãe assumia que “(...) ele às vezes também põe mais baixinho para nós controlarmos (...), porque eles conseguem dar a volta se a pessoa estiver distraída, chegam ao ponto onde querem” [Cristina, PT6m42]. Afirma que controla mais a utilização digital do filho que o pai. O Mateus [PT6b8] é autodidata e explora o tablet, de modo que tem bastantes competências na sua utilização.

Devido às crescentes competências do Mateus [PT6b8] nesta utilização digital, os tempos de utilização também aumentaram. Ao contrário do ano passado, em que jogava um pouco depois do jantar, a mãe diz que passou a jogar muito mais, “ele agora está mais apegado àquilo que sei lá o quê!” [Cristina, PT6m42]. Embora não seja a favor desta situação, não o proíbe de jogar, referindo inclusivamente que o deixa jogar um pouco mais ao dia de semana.

A utilização deste dispositivo é feita unicamente tendo em conta os gostos e interesses do Mateus [PT6b8], pois a escola nunca pediu qualquer tipo de consulta ou trabalho onde fosse necessário recorrer às tecnologias. Na escola também não utilizam tecnologias, embora na sala de aula tenham um computador, mas para uso exclusivo do

**“Ele descobre aquilo tudo muito rápido!”,  
Cristina [PT6m42]**

professor. Só utilizam o computador nas aulas de informática. A mãe não é a favor do uso das tecnologias na escola, pois para ela “o professor está lá para fazer esse papel (...), está lá o professor para dar a aula” [Cristina PT6m42].

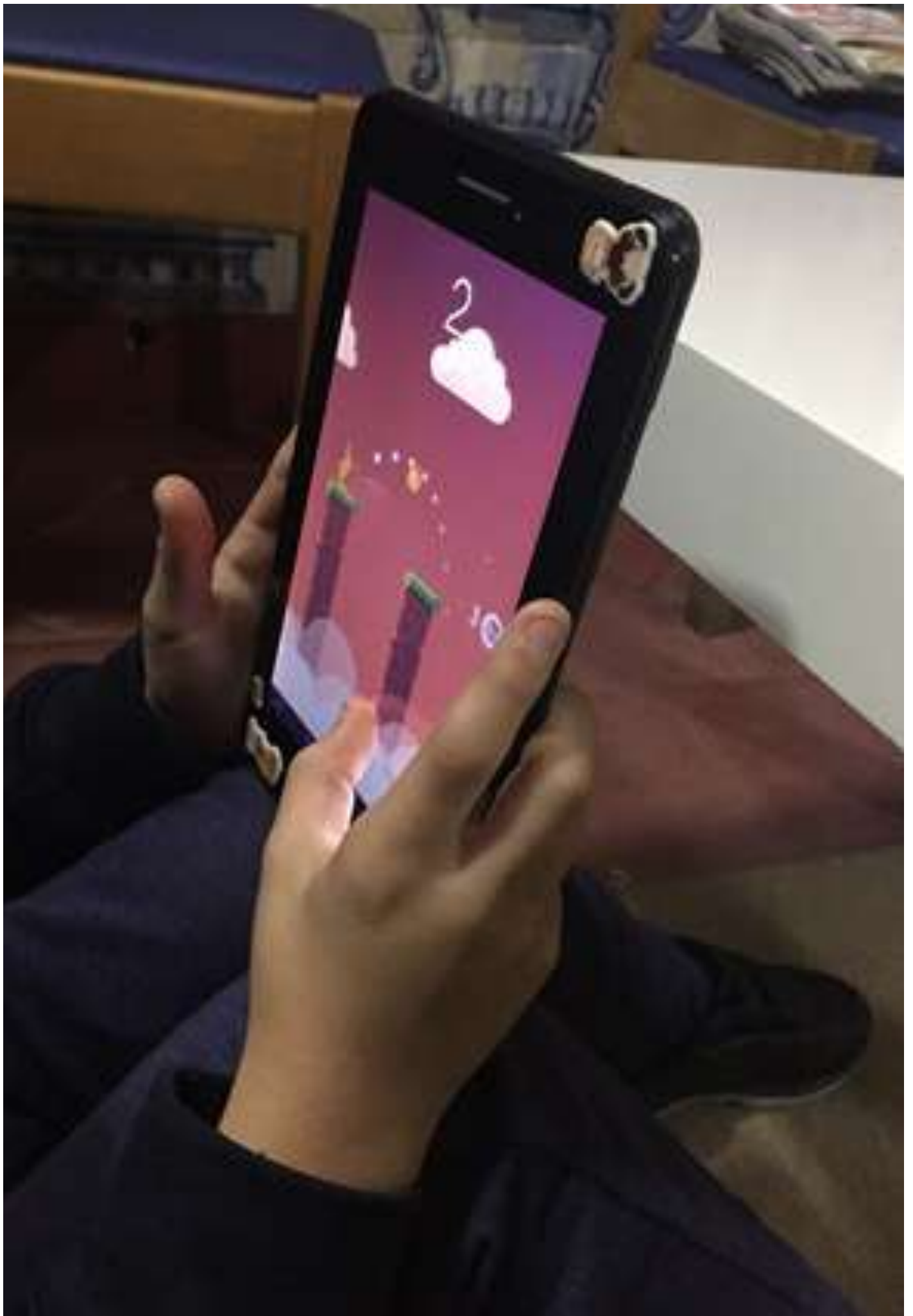
A mãe alerta o filho para o facto de os jogos digitais serem muito violentos e lamenta que não sejam mais semelhantes aos do seu tempo. Tem bastante receio que ele aceda a redes sociais e entre em contacto com estranhos. Não é apologista da utilização tão generalizada das tecnologias como se faz nos dias de hoje, criticando principalmente as pessoas que colocam detalhes das suas vidas privadas nas redes sociais. Dá mais valor a brincadeiras tradicionais e à socialização. Sente-se um pouco impelida a entrar no mundo tecnológico, pois diz que na escola do filho enviam tudo por email ou quando vai a algum sítio é tudo informatizado. No entanto, reconhece algumas questões

positivas no uso da tecnologia, como a procura de informação, enviar um email ou contactar com pessoas que vivem longe. Inclusivamente utiliza o tablet antigo do filho para consultar os seus emails, mas mais que isso não.

O Mateus [PT6b8] sabe o que é uma palavra-passe e também sabe o que são vírus, que impossibilitam a utilização dos dispositivos, pois teve um vírus no computador e por isso está impossibilitado de o usar.

A maioria das palavras escolhidas pela mãe são o espelho da sua opinião já apresentada sobre as tecnologias: reconhece que são informativas e educativas, mas são também viciantes, arriscadas de utilizar, irritantes, anti sociais, promovem a solidão, inseguras, pois “de seguro não tem nada (...) e não dou mais nomes [de cariz negativo] porque não calha” [Cristina PT6m42].





# Família PT7

## Lisboa, Portugal

### MEMBROS DA FAMÍLIA

- João, PT7f44
- Teresa, PT7m40
- Gonçalo, PT7b7, 3 ano do I ciclo
- Filipe, PT7b3, pré-escolar

**E**m casa do Gonçalo também não encontramos dispositivos tecnológicos novos. Aliás, a Playstation portátil que tinha está numa gaveta. A mãe Teresa [PT7m40] partilha que considera os jogos da consola mais violentos e portanto prefere direcionar o filho para usar o tablet. O menino continua a gostar muito do tablet, e também a não mostrar grande interesse pelo computador portátil. Tem um smartphone antigo que era da mãe, mas sem cartão SIM, e que usa para jogar. Mas queixa-se de que o aparelho tem pouca memória e não pode instalar os seus jogos preferidos. Os pais destacam que uma das suas novas competências é saber ligar a redes Wi-Fi e pedir as passwords, por exemplo em restaurantes, pois assim pode entreter-se vendo vídeos nesse seu smartphone. As suas atividades preferidas no tablet também se mantêm: jogar jogos e ver vídeos no YouTube. Contudo, os interesses mudaram um pouco. No ano passado, gostava muito do universo Lego Ninjago: tinha os brinquedos, jogava os jogos, e pesquisava vídeos no YouTube com dicas sobre o jogo. Este ano, apresenta o mesmo grau de envolvimento, mas relativamente ao jogo Pokemon Go. Também gosta muito do Minecraft. Identifica a aplicação GTA e confia que, embora os pais não o deixem comprar esse jogo para a PlayStation, gosta de ver e às vezes vê vídeos sobre o jogo no YouTube. Mas admite que também o assustam, e reflete com alguma profundidade sobre o tema, observando que os vídeos que mais o assustam são os que mais lhe despertam a curiosidade. Também observa que quando os jogos são mais excitantes, fica mais irritado quando

perde, e que se sente mais feliz quando joga jogos criativos, como o Minecraft. No que diz respeito ao YouTube, já faz pesquisas sobre temas mais diversificados, e até nos conta que é fã de um blogger português, um adolescente que faz vídeos humorísticos. Os pais concordam que o uso do YouTube evoluiu muito e a mãe resume o que ele gosta de pesquisar e ver: “Palhaçada”. O Gonçalo identifica com facilidade a aplicação Safari no seu iPad e diz-nos que já é capaz de fazer pesquisas sobre os temas de que gosta no Google. Gosta muito de aprender sobre animais e vida selvagem. Mas não faz pesquisas relacionadas com a escola, nem outro tipo de atividade digital. Os pais concordam que exploram pouco o potencial educativo e didático das tecnologias, e a justificação é a mesma do ano anterior: falta de tempo. O pai admite: “Mas a escola também não precisa de estimular, não é? Eles não precisam de ser estimulados para utilizar as novas tecnologias. Eu acho que eles precisam, se calhar, é de ser direcionados noutro sentido.

E nós aí falhamos à grande. Nós não fazemos nada disso” [João, PT7f44]. Contam-nos que o Gonçalo [PT7b7] pesquisa palavras que não sabe escrever, e também localizações no Google Maps. O Gonçalo [PT7b7] também gosta muito de tirar fotografias e de desenhar. O Gonçalo [PT7b7] tem um espaço no sótão onde pode brincar e estudar. Assim, usa o tablet nesse espaço, onde costuma estar sozinho ou com o irmão Filipe, de 2 anos. Mas às vezes até prefere estar junto dos pais, na sala ou na cozinha, sobretudo depois de ter visto algum vídeo que o assustou. Ainda não joga com

**“A mãe não deixa [ver vídeos assustadores], mas eu quero [risos] (...) costuma dizer que se eu voltar a ver aquilo me tira o telemóvel (...). mas nunca me tira porque eu me safo”, Gonçalo [PT7b7]**

o irmão, afirmando que ele “não sabe”. Aliás, os pais dizem-nos que o pequeno Filipe não mostra grande interesse pelas tecnologias digitais, ou até mesmo pela televisão, coisa que o Gonçalo já fazia com a mesma idade. Gonçalo [PT7b7] já fazia com a mesma idade. O Gonçalo [PT7b7] diz-nos que os pais também não costumam jogar com ele, fá-lo sozinho. O pai João [PT7f44] destaca a sua capacidade para aprender por tentativa e erro e explorar sozinho, chegando mesmo a pesquisar no YouTube e a resolver assim as suas dificuldades. Sobre conteúdos impróprios para a sua idade, o Gonçalo [PT7b7] descreve-nos algumas imagens que o assustaram, ou que achou “um nojo” por terem muito sangue, e declara que as fechou, e que nunca contou a ninguém. Embora os pais não acreditem

na eficácia de filtros e controlo apertado, também consideram que conversar com o filho sobre alguns temas, nesta idade, pode ser contraproducente. O pai João explica: “É que eu acho que nessas coisas, se tu falas, vais-lhe despertar a curiosidade. Acho que prefiro balizá-lo e travar o acesso a determinada coisa, do que estar a falar a uma criança de oito anos: ‘Não vejas isto, é muito violento’. As crianças são muito curiosas por natureza” [João, PT7f44].

Sobre segurança, o menino conta-nos o que é uma password e até nos mostra que o seu iPad funciona com reconhecimento da impressão digital, mas sobre os vírus declara “(...) eu já ouvi falar, mas nunca soube o que é um vírus” [Gonçalo, PT7b7]. Sobre as redes sociais, diz-nos que não



tem grande interesse, pois “(...) o Facebook é chato” [Gonçalo, PT7b7].

Relativamente a regras, o Gonçalo refere que só pode jogar ao fim de semana, aos dias de escola não pode. Portanto, as restrições são mais rígidas do que no ano passado, o que se deve ao facto de ter um desempenho escolar que não satisfaz os pais, e que portanto o fazem dedicar mais tempo ao estudo.

Quando lhe perguntámos como imagina que seria uma tecnologia perfeita no futuro, responde evidenciando o seu gosto por jogar: “(...) gostava que pudesse jogar todos os jogos que existem!” [Gonçalo, PT7b7]. Já os pais destacam a sua preocupação sobre as opções que têm que tomar e a forma como medeiam o uso das tecnologias e

gerem os problemas e desafios que se lhes vão colocando. O pai João conta-nos que “Nesta fase, para mim, há dois grandes perigos: cenas de violência e cenas sexo explícito” [João, PT7f44], e a mãe Teresa acrescenta “Eu tenho medo é que ele comece a interagir online com alguém” [Teresa, PT7m40]. A mãe Teresa [PT7m40] também refere que as tecnologias podem ser antissociais, e observa que às vezes vão amigos lá a casa brincar com o Gonçalo e não interagem uns com os outros porque está cada um a jogar para o seu lado. O pai João destaca que “Nós somos a primeira geração a ter que lidar com estas novas tecnologias e com os filhos. (...) A nós ninguém nos pode apontar o dedo” [João, PT7f44] e a mãe Teresa concorda “Ainda vamos fazer o balanço...” [Teresa,



# Família PT9

Lisboa, Portugal

## MEMBROS DA FAMÍLIA

- Jorge, PT9f
- Gabriela, PT2m36
- Ana, PT9g8, 3 ano do 1 ciclo

**A** família PT9 tem um tablet, que é da Ana [PT9g8], um computador que é da mãe [Gabriela, PT9m36], uma televisão e os pais têm smartphones.

O ano passado a Ana [PT9g8] usava muito o tablet, mas este partiu-se e o pai comprou um novo, no entanto já não tem capacidade para instalar tantos jogos. Provavelmente por isso ela agora se entusiasma mais com o computador da mãe, embora refira que o tablet continua a ser o seu dispositivo preferido. Também têm uma televisão. Não adquiriram nenhum dispositivo no último ano.

No computador a Ana [PT9g8] faz pesquisas para trabalhos da escola, como vídeos, atividade que o ano passado não fazia. Também pesquisa informação na versão digital dos seus manuais escolares, que a editora disponibiliza gratuitamente online, que têm exercícios que ela gosta de fazer por serem digitais. O Manual Digital é um manual com exercícios e é possível aceder a este através da internet, com uma palavra passe que vem no manual impresso. No computador também joga jogos, principalmente em plataformas.

A mãe refere que normalmente ajuda a filha nestas pesquisas e “(...) nunca a deixo pôr nada sem ver o que é” [Gabriela, PT9m36], embora a Ana [PT9g8] diga que por vezes acede ao YouTube no smartphone sozinha e as pesquisas que faz no computador também faz sozinha. A mãe [PT9m36] também ajuda nos jogos e por vezes jogam juntas.

Na escola a professora da Ana [PT9g8] envia trabalhos de casa em que é necessário recorrer às tecnologias, trabalhos esses feitos em família. A Ana [PT9g8] diz que usa também o computador para estudar inglês. Apesar de usar as tecnologias em casa para questões de aprendizagem, na escola não utiliza o computador para estas tarefas. Na sala de aula não têm computador, havendo apenas um na biblioteca que é utilizado para as crianças verem filmes, e só a professora e a bibli-

otecária podem utilizá-lo. Não obstante, a Ana [PT9g8] gostava de usar computadores na escola para fazer os trabalhos.

Gosta de ver televisão, nomeadamente desenhos animados e sabe utilizar a box por subscrição da televisão por cabo para ver a programação que deu durante o dia.

Continua a usar o tablet para jogar na sua casa, na casa da avó e para se entreter em restaurantes.

No ano anterior a Ana [PT9g8] jogava no smartphone da mãe, no entanto agora utiliza-o menos porque a mãe desencorajou-a dessa utilização, pois encara o smartphone como o seu dispositivo pessoal e a filha “(...) tem de perceber que há coisas que são só dos pais e não tem que mexer” [Gabriela, PT9m36]. A Ana [PT9g8] gostava de ter um smartphone, alegando que há meninas na escola da sua idade que têm, mas a mãe é da opinião que ela ainda não necessita. Equaciona oferecer-lhe um caso a filha tenha de mudar para uma escola mais distante ou tenha um horário em que poderá sair tarde, no entanto não será antes de ela ter 11 ou 12 anos.

As aplicações que a Ana [PT9g8] instala relativas a jogos têm de ser todas gratuitas e para instalar qualquer aplicação a mãe tem de dar o seu aval.

A Ana [PT9g8] sabe o que é uma palavra passe, diz que tem no computador da mãe, e que um vírus avaria as tecnologias.

A mãe vê a utilização das tecnologias digitais pela filha como algo positivo, no entanto a Ana [PT9g8] sempre teve regras para a sua utilização, incidindo nomeadamente no tempo de utilização: nos dias de semana pode usar meia hora, no fim de semana a utilização é um pouco mais alargada. A Ana [PT9g8] diz que a mãe controla estes períodos de tempo com um despertador. A Ana [PT9g8] gostava de utilizar mais o computador mas a mãe diz que o médico só deu permissão para usar durante uma hora. Caso a utilização seja para algo escolar, a mãe permite o uso mais

**“Mãe, como é que vocês viviam sem telemóvel?”, Ana [PT2g8]**

prolongado, pois entende que é importante “ela perceber que há esta componente pedagógica que pode tirar proveito das tecnologias” [Gabriela, PT9m36]. As regras mantêm-se as mesmas desde o ano anterior.

Para a mãe [Gabriela, PT9m36] é muito importante estabelecer limites na utilização de tecnologias digitais, como o limite de tempo adequado à idade da criança, colocando ênfase no papel dos pais como mediadores. Os pais têm a preocupação em discutir as regras entre eles de modo a serem coerentes. As regras são baseadas na utilização da filha. Têm noção de que à medida que a filha vai crescendo, já quererá fazer uma utilização mais

independente das tecnologias e por isso os pais irão adaptar as suas estratégias de segurança digital, como a instalação de software.

Relativamente a conversas sobre segurança digital, como a Ana [PT9g8] agora já acede à internet, a mãe alerta-a para o facto de haver boa e má informação, e por isso mesmo faz questão de acompanhar as suas pesquisas online “(...) para eu a ajudar a escolher a informação que é boa para ela” [Gabriela, PT9m36].

Para a mãe é uma realidade a filha ter de usar as tecnologias, pois para ela o computador existe desde sempre, ao contrário da mãe, que o começou a usar com 16 anos. A título de exemplo, uma



vez a Ana [PT9g8] perguntou-lhe “Mãe, como é que vocês viviam sem telemóvel?” [PT9m36]. Considera as tecnologias como relevantes para o acesso a informação, no entanto ressalva a importância do acompanhamento dos pais de modo a que estas não se tornem uma distração e, em último, que viciem as crianças na sua utilização. Relativamente ao jogo de palavras, a Gabriela [PT9m36] reconhece que para a filha as tecnologias são rele-

vantes e significam, sobretudo, diversão. A sua preocupação e do marido é “ensiná-la a utilizar as tecnologias da melhor forma possível” [Gabriela, PT9m36]. Por isso mesmo optam por fazer essa exploração em conjunto, principalmente em questões pedagógicas, onde é necessária pesquisa online, para “ajudá-la a tirar partido da tecnologia da melhor forma” [Gabriela, PT9m36].



# Família PT10

Lisboa, Portugal

## MEMBROS DA FAMÍLIA

- Manuel, PT10f60
- Maria, PT10m42
- Laura, PT10g7, 3 ano do 1 ciclo

**Q**uando visitámos a família PT10 no ano passado, verificámos que a Laura [PT10g7] tinha muitos dispositivos digitais, nomeadamente um tablet próprio, um computador portátil próprio, uma Playstation e uma Playstation Portable. Tinha também acesso esporádico ao smartphone da mãe e já pedia para ter o seu. Este ano, já atingiu esse objetivo e tem um cartão SIM associado ao seu smartphone, e ainda dispõe de um smart watch infantil, que tem câmara fotográfica integrada e jogos, mas não tem ligação à internet. Não pode levar o smartphone para a escola, ele é utilizado apenas para fazer chamadas para os pais em caso de emergência. A mãe indica-nos, contudo, que a utilização das consolas, que já não era muito frequente, tornou-se ainda mais esporádica, acontecendo sobretudo quando a menina recebe amigos em casa. Os dispositivos mais utilizados pela Laura [PT10g7] são o tablet, para lazer, e o computador portátil, para trabalhos e pesquisas relacionados com a escola. A mãe acompanha sempre as práticas digitais da filha, supervisionando à distância, e ajudando quando a filha lho solicita. Também partilham algumas atividades digitais, sobretudo a escolha de vídeos no YouTube, acompanhada de canto e dança. As atividades digitais decorrem, portanto, nos espaços comuns da casa, como a sala e a cozinha.

A Laura continua a gostar bastante do tablet, mas este agora tem o vidro partido e um vírus, o que dificulta a sua utilização. Ocasionalmente, a mãe deixa-a jogar no seu smartphone. Esta situação fez com que se interessasse mais pelo computador portátil, que lhe permite um maior leque

de atividades relacionadas com os seus interesses. Como jogos preferidos, identifica o Minecraft, e diz-nos também que gosta muito de tirar fotografias e de fazer vídeos. Mesmo em termos de brincadeiras, a Laura demonstra uma grande mudança. Diz-nos que já não gosta de brincar com bonecas, mas sim de jogar e de conversar com as amigas. Também gosta de ver televisão, mas já séries juvenis, e não desenhos animados. A mãe observa essas mudanças e como se refletiram nas práticas tecnológicas: “(...) ela também começou a ter interesses um bocadinho diferentes ou mais variados, era muito os jogos e agora é muito a música, por exemplo, e explorar também alguns conhecimentos (...)” [Maria, PT10m42]. A menina, que já tinha competências digitais bastante desenvolvidas, adquiriu novos conhecimentos e capacidades neste espaço de tempo. Já utiliza algumas redes sociais, embora com o perfil da mãe, está muito mais exímia nas pesquisas, e já tem a sua própria conta de email. A mãe contou-nos que a Laura gosta de pesquisar roupa ou algum brinquedo ou acessório que gostaria de ter, e depois partilha esses desejos com a mãe. Usa o Skype com conta própria, para falar com o pai, que passa grandes períodos de tempo fora em trabalho, e com família que está fora. No entanto, revela algumas lacunas no que se refere à segurança, pois quando lhe perguntámos o que faz para proteger os seus dados, sabe o que é uma palavra-passe mas não nos explica corretamente o que são anti-vírus. A mãe lidera estas descobertas e aprendizagens, mas os amigos e a escola também contribuem. Na escola, têm aulas de informática onde usam computadores e tablets, e

**“Eu não pesquiso coisas más! (...) às vezes pesquisamos umas coisas e aparecem outras que não têm nada a ver”, Laura [PT10g8]**

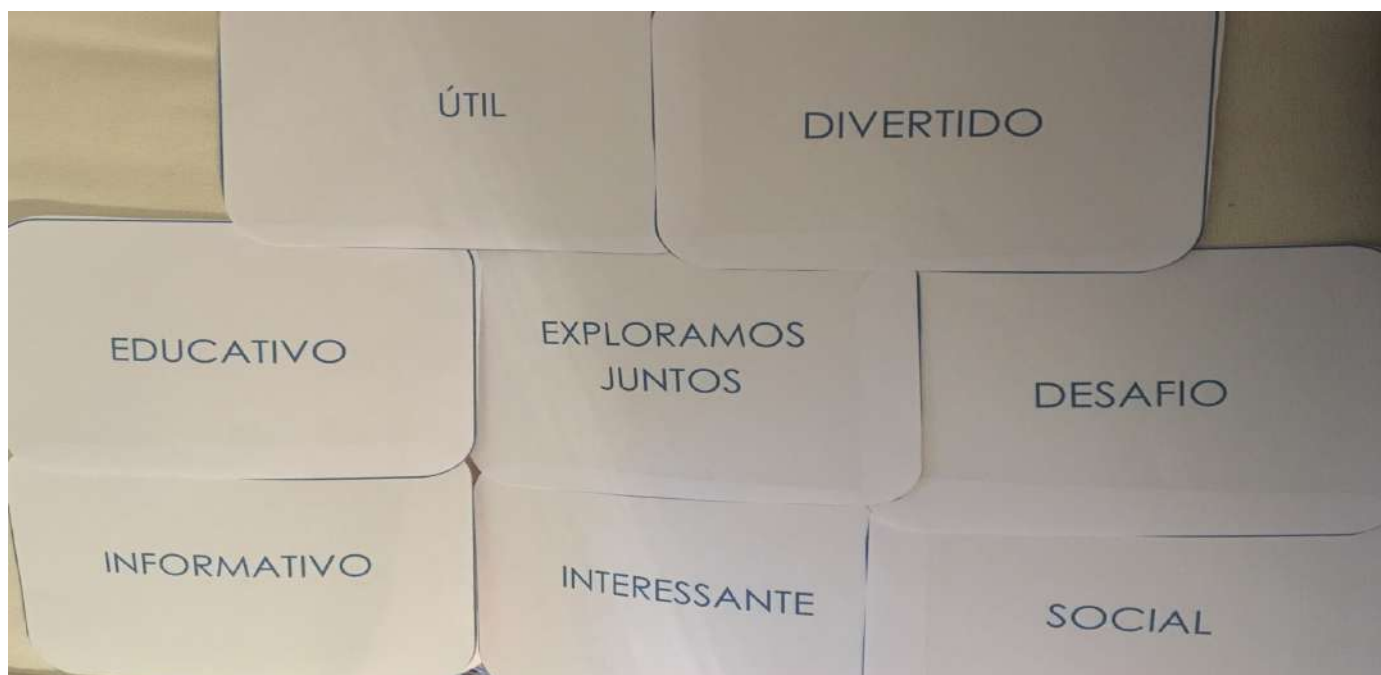
por vezes usam tablets para exercícios relacionados com outras matérias, sendo que a Laura [PT10g7] dá como exemplo uma aplicação de matemática que costumam usar. A menina pode jogar e pesquisar de forma autónoma, mas só está

autorizada a usar redes sociais e email com a supervisão da mãe. A mãe também tem que autorizar a instalação de novas aplicações, e permite as que considera adequadas, mesmo que sejam pagas.



A mãe Maria [PT10m42] revela-se bastante consciente dos perigos inerentes ao uso excessivo ou sem supervisão das tecnologias digitais, como a erosão dos laços sociais e o distanciamento nas relações, a causa de excitação ou stress excessivos, e mesmo o vício. Contudo, admite usar bastante as tecnologias, e faz uma mediação permissiva e participante, pois também acredita na utilidade das tecnologias digitais, no seu potencial para a aprendizagem e exploração, e até para o estímulo de atividades em família. Na verdade, os efeitos das tecnologias dependem do modo como são usadas. Assim, a Maria aposta claramente no diálogo com a Laura: conversam sobre as atividades da menina, a mãe incentiva-a a explorar interesses e curiosidades, e também a adverte para alguns perigos e a aconselha sobre os procedimentos a tomar para se proteger. Já abordaram temas como o cyberbullying, a proteção da privacidade, e mesmo o roubo de identidade. A Laura corrobora, dizendo que já encontrou “imagens feias” na internet, mas que desligou, pois a mãe já a tinha avisado que isso poderia acontecer e disse-lhe para reagir assim. A mãe admite que há momentos em que restringe o tempo de utilização das tecnologias, quando lhe parece que está a ser excessivo. Há regras que ajudam a Laura a gerir a sua utilização: só pode usar o tablet depois de fazer os trabalhos de casa e arrumar tudo, mas pode usar o computador portátil para fazer os trabalhos de casa. Durante o fim de semana pode usar durante mais tempo, mas a menina tem muitas atividades extracurriculares, entre as quais

ginástica rítmica, que adora, preferindo dedicar o seu tempo a este desporto do que a jogar com o tablet ou a ver televisão. Em restaurantes, por exemplo, só pode usar o smartphone da mãe para se entreter após a refeição principal, até aí a mãe quer que ela conviva com os presentes. Embora aposte no diálogo, a mãe Maria aconselha: “Eu acho que é muito importante a supervisão mas também acho que essa supervisão vem sendo construída com a confiança. (...) a partir de uma determinada idade acho que é mesmo muito importante haver alguns mecanismos de um maior controlo (...) porque infelizmente acontecem situações que os pais muitas vezes não esperam que pudessem acontecer ou acham que é muito precoce que pudessem acontecer e acabam por acontecer e eu acho que têm muitas consequências muito complicadas” [Maria, PT10m42]. Nas suas palavras-chave, a mãe Maria destaca a utilidade, pois “(...) já começa a ser muito difícil viver sem a utilidade destas tecnologias, mesmo, não só pela parte lúdica mas pela parte de utilidade” [PT10m42]. Destaca também a vertente da aprendizagem, afirmando que “(...) acho que é muito divertido, acho por isso educativo (...)” [Maria, PT10m42], mas salienta que as tecnologias digitais devem ser exploradas em conjunto por pais e filhos, em vez de isoladamente, para que seja um uso “(...) mais social do que asocial (...)”, o que “(...) tem a ver é com o controlo e com a formas como as pessoas depois acham que precisam disso” [Maria, PT10m42].



# 4. Resultados

**A** apresentação dos resultados está organizada a partir de dois eixos que orientam o projeto “Crianças (0-8) e Tecnologias Digitais” desde a sua génese em 2014: um dos eixos varia entre práticas e percepções/attitudes; o outro varia entre aspetos individuais e contexto familiar. O cruzamento deste dois eixos dá origem a quatro dimensões, cada uma das quais representando quatro perguntas de investigação: quais as práticas digitais de crianças e pais?; quais as percepções de crian-

ças e pais sobre riscos e oportunidades, e quais as atitudes relativamente às tecnologias digitais?; quais as práticas digitais da família? Como é que as tecnologias afetam as dinâmicas familiares?; Qual o estilo de mediação parental (passivo ou ativo; restritivo ou permissivo; implícito ou explícito; invertido)?

Nesta fase longitudinal do estudo, tivemos especial atenção às seguintes cinco dimensões, especialmente na observação:

- 1. DISPOSITIVOS: novas adoções, desistências, desejos;**
- 2. ATIVIDADES, INTERESSES, OPORTUNIDADES: novos, abandonos;**
- 3. COMPETÊNCIAS: desenvolvidas, perdidas;**
- 4. MEDIAÇÃO E REGRAS: novas, abandonadas;**
- 5. PERCEPÇÕES: alterações.**

## **4.1. Como é que o envolvimento das crianças com tecnologias digitais (online) evoluiu neste período de um ano?**

### **4.1.1. Dispositivos**

As crianças continuam a gostar muito de tecnologias.

*Clara, PT2m41: Eles estão mortinhos, às vezes, para vir para casa e jogar.*

Quando jogam é com bastante gosto, ficando totalmente imersos na atividade.

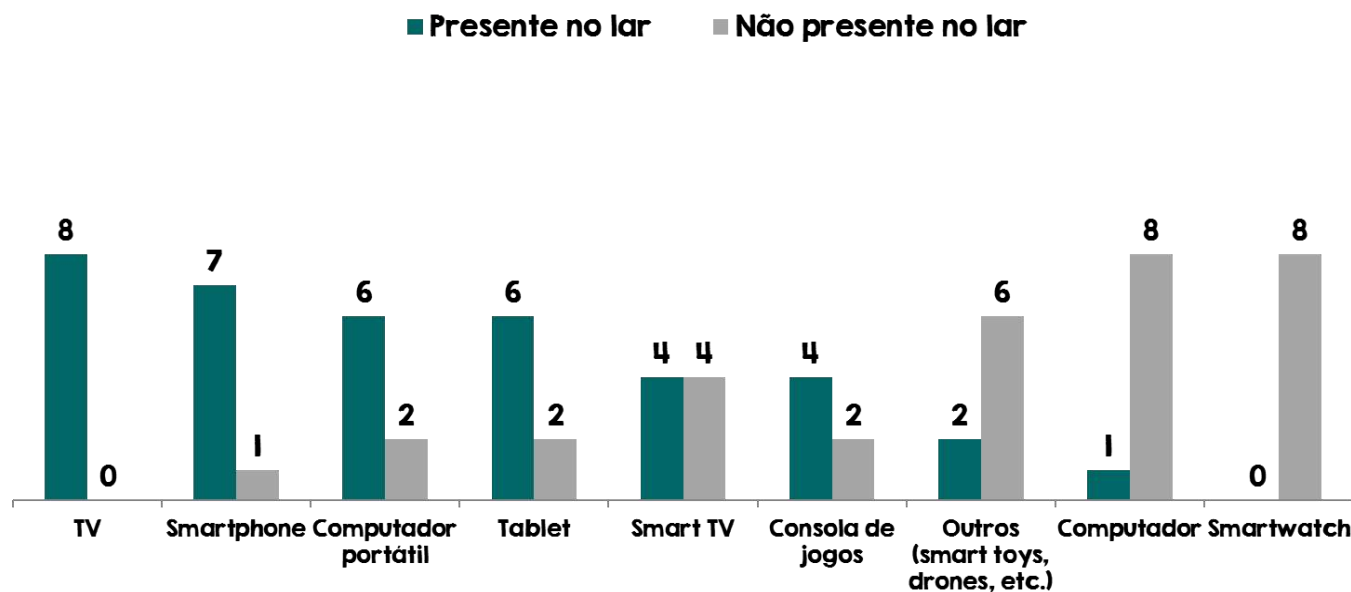
*Paulo, PT2f41: O António atinge um poder de concentração tal que tudo o que está à volta dele não existe. Posso estar a falar com ele que ele esquece completamente.*

A mãe da Leonor [PT3g8] também refere o mesmo relativamente à concentração da filha na utilização das tecnologias, “parece que se tornam zombies” [Marisa, PTm36].

Na maior parte dos lares visitados não observámos mudanças de maior relativamente aos dispositivos digitais disponíveis. A Figura 3 apresenta um sumário dos dispositivos disponíveis nos lares que visitámos.



**Figura 3: Dispositivos disponíveis nos lares, à época da nossa segunda visita.**



Vemos que os dispositivos mais presentes, para além da TV, são os smartphones, o tablet, e o computador portátil. As mudanças que houve foram principalmente a respeito de alguns dispositivos que se estragaram, como a PlayStation do Vicente [PT1b8], o tablet do Joaquim [PT4b3] ou os tablets da Ana [PT9g8] e da Laura [PT10g7]. Relativamente a aparelhos novos, estes dizem respeito à substituição de tablets, como o tablet do Vicente [PT1b8], o do Mateus [PT6b8] e o da Ana [PT9g8]. Os tablets novos caracterizam-se por serem mais potentes.

Os pais que não têm percepções favoráveis sobre as tecnologias não substituíram os dispositivos estragados dos filhos, no entanto familiares das crianças acabaram por fazê-lo, como o avô do Vicente [PT1b8] e o pai do Mateus [PT6b8], que por sua vez já tinham oferecido os primeiros, contra vontade das mães. Algumas crianças que receberam tablets novos, como o Mateus [PT6b8] e a Ana [PT9g8], são filhos de pais que têm percepções positivas relativamente à utilização das tecnologias pelos filhos.

A maior parte das crianças continua a preferir o tablet, mas alguns reportam um novo interesse pela utilização do computador portátil, sendo que na sua maioria utilizam o dos pais. Este novo interesse poderá ter surgido possivelmente pelo aperfeiçoamento da motricidade fina, acompanhada de uma progressão nas competências de leitura e escrita. Este interesse depende, em

grande medida, do papel da escola, que pode ou não estimular a realização de pesquisas e de trabalhos de casa recorrendo à pesquisa na web. Verificámos também que o tablet é identificado tanto pelos pais como pelas crianças como “brincadeira” ou “entretenimento”, e por isso alvo de mais regras relativas à sua utilização. Já o computador, como é identificado como uma “ferramenta de estudo”, pode ser usado livremente. Embora a participação dos pais tenha graus variáveis nas diferentes famílias, em geral as crianças usam as tecnologias em espaços comuns da casa, o que facilita a supervisão e alguma interação familiar.

Debruçando-nos sobre esta utilização digital na escola, a maioria das crianças, tal como no ano anterior, referem ter um computador e um quadro interativo na sala de aula. Esporadicamente fazem exercícios no quadro interativo, mas o computador é para uso exclusivo do professor e as crianças não o podem utilizar. Embora não utilizem as tecnologias na escola, alguns professores pedem-lhes para fazer trabalhos de casa onde é necessário recorrer às tecnologias.

*Gabriela, PT9m36: (...) A professora dela manda muitos projetos para casa para fazer em família. Acabamos, então, por explorar juntos, recorrendo às tecnologias.*

Embora sensivelmente metade das crianças já faça estas pesquisas em articulação com a escola, a outra metade não é estimulada a fazê-lo. A maior parte pesquisa autonomamente e por iniciativa

própria, recorrendo apenas à ajuda dos adultos quando não conseguem ultrapassar dificuldades.

Os pais também desempenham um papel importante neste uso, pois alguns estimulam os filhos a pesquisar online sobre os seus interesses e curiosidades. É o que acontece no caso do pai Paulo [PT2f40] e do filho António [PT2b9].

Entrevistadora: A escola estimula pesquisas na internet?

Clara, PT2m41: A nível da escola estimular, acho que não. Nós é que temos sempre a tendência de, quando não sabemos algo, ir ver na internet.

Paulo, PT2f41: Mas, às vezes, a professora manda pesquisar.

Clara, PT2m41: Mas não é muito frequente. Nós é que temos esse hábito e ele próprio já percebeu que a internet é um auxílio importante.

Para a Gabriela [PT9m41] é importante a filha perceber que as tecnologias podem ser relevantes a nível pedagógico e não apenas lúdico.

Gabriela, PT9m41: [É importante] ela perceber que há esta componente pedagógica que pode tirar proveito das tecnologias.

A Laura [PT10g7] no ano anterior tinha acesso a um manual virtual escolar e, segundo a mãe, gostava muito de o utilizar fazendo-o com assiduidade.

Este ano já não tem esse acesso, mas a mãe encontrou uma alternativa: sites com fichas de atividades para a filha.

Maria, PT10m42: Eu descobri imensos sites com algumas fichas e assim, e de vez em quando, o que acontece é na altura dos testes, se eu não posso estar a estudar com ela, ela já sabe que tem ali uma data de fichinhas e ela própria vai lá e abre e vai resolvendo assim os exercícios sozinha.

A Laura [PTg10] também utiliza o computador para fazer pesquisas de assuntos do seu interesse, como por exemplo sobre o tema “corpo humano”, assunto que está a ser explorado neste momento na escola.

Os pais João [PT7f44] e Teresa [PT7m40] referem que as tecnologias poderiam ser interessantes para uso escolar, mas assumem estimular pouco o filho nesse sentido. Por outro lado, são da opinião de que a escola também incentiva pouco este uso pelas crianças.

João, PT7f44: Eles não precisam de ser estimulados para utilizar as novas tecnologias. Eu acho que eles precisam, se calhar, é de ser direcionados noutra sentido. E nós aí falhamos à grande. Nós não fazemos nada disso (...), colocá-lo a mexer nisto, mas direcionado para as coisas da escola.



Teresa, PT7m40: Então, mas se a escola, por exemplo, nos dissesse alguns dos jogos que dá para...

João, PT7f44: Mas a escola não tem de fazer tudo. (...) Eu acho que também não há um acompanhamento, na escola, nesse sentido.

São principalmente os pais de nível socioeconômico médio/alto, com mais competências digitais, que têm opiniões favoráveis sobre o uso de tecnologias a nível pedagógico.

Para além dos pais, as crianças também já reconhecem o Google como algo útil para pesquisas.

Maria, PT10m42: Às vezes uma palavra que ela não sabe o que é que significa, ou sei lá, um objecto que ela quer comprar ou que pensa que quer comprar e vai lá ver.

Entrevistadora: Ele já começa a pesquisar alguma coisa no Google?

Teresa, PT7m40: Sim. Às vezes, até é mais palavras ou significados. Estamos aqui ao pequeno-almoço e ele pergunta o que é que é não sei quê, e eu vou buscar o iPad e digo-lhe para escrever a palavra, procurar e ver as imagens, por exemplo. Já não me lembro qual foi a última, mas, muitas vezes, ele vai procurar. Ao dicionário, ele tem, já o ensinei a procurar palavras no dicionário do iPad. E palavras que ele não sabe o que é, ou não sabe onde é, localizações na terra, que ele gosta do Google maps, vai sempre ali ver.

Este tipo de pesquisa está também relacionado com as perspectivas positivas dos pais sobre as tecnologias, estimulando por sua vez os filhos.

Outros pais assumem que não incentivam esta utilização escolar/pedagógica, embora reconheçam a sua importância para acesso à informação, como a Cristina [PT6m42], a Vanessa [PT4m29] e a mãe Susana [PT1m38], mães de nível socioeconômico baixo e com percepções menos positivas sobre a utilização das tecnologias pelos filhos.

*Entrevistadora: Acha que as tecnologias seriam úteis para o Mateus [PT6b8] na escola?*

*Cristina, PT6m42: Não, acho que o professor está lá e faz esse papel. (...) Está lá o professor para dar a aula.*

A mãe Vanessa [PT4m29] e a mãe Cristina [PT6m42] também discordam que a comunicação da escola seja feita via email. A mãe Vanessa [PT4m29] não tem dispositivos digitais para os filhos e ela própria acederem à internet, tendo dados móveis limitados no seu smartphone, e a mãe Cristina [PT6m42] tem competências tecnológicas limitadas. Acaba por aceder à internet no *tablet* antigo do filho.

*Cristina, PT6m42: Sou obrigada a mandar email porque a professora agora para marcar uma reunião é tudo assim. (...) Criei o e-mail mas digo sempre que não tenho e-mail. (...) O professor manda (...) o que é que têm que estudar para o teste de português amanhã. É tudo por email. (...) Eu tenho que abrir aquilo tudo, saber o que é que vamos estudar, o que é que vamos fazer, quer dizer... (...) É que eu sou obrigada [a usar tecnologias], tenho que "entrar no pacote" como eu digo.*



*Vanessa, PT4m: A professora da Soraia [PT4g10] já começa a funcionar mais assim [usando as tecnologias para comunicar com a família], o que me começa a irritar um bocado. Porque livros praticamente não há, é tudo através de mails, os trabalhos vêm de mails (...). Eu mandei um recado a explicar que para ela [Marisa, PT4g10] tem que fazer doutra maneira. Porque eu não tenho internet em casa, o meu marido também o que tem para o trabalho usa muito bem, dá perfeitamente [dados móveis no smartphone] (...) porque eu nem sequer tenho computador – o dele estragou-se e também não comprei mais nenhum.*

As crianças não tendem a perceberem o tablet e o smartphone como pertinentes para utilização escolar. Os pais também, sempre que é para fazer algo da escola dizer para os filhos recorrerem ao computador.

*Entrevistadora: Utilizas o tablet para pesquisas dos trabalhos de casa?*

*Leonor, PT3g8: No computador.*

*Entrevistadora: Para pesquisas dos trabalhos de casa é só o computador e o tablet não?*

*Leonor, PT3g8: Não.*

*Entrevistadora: E porque não?*

*Leonor, PT3g8: Não há o Wikipedia.*

*Entrevistadora: Já experimentaste procurar o Wi-*

*kipedia no tablet?*

*Leonor, PT3g8: Não. Mas o meu pai diz sempre para eu fazer no computador.*

É entre as crianças que não são tão estimuladas pela escola e pelos pais que ainda se verifica um grande desinteresse relativamente ao computador, principalmente para atividades de pesquisa escolares, como o Vicente [PT1b8] ou o Timóteo [PT4b7].

Relativamente ao smartphone, no estudo anterior este foi mais mencionado por crianças e pais como utilizado principalmente para distração das crianças no exterior de casa. Neste ano verificámos que em algumas crianças este uso aumentou, como o Vicente [PT1b8], a Leonor [PT3g8], o Timóteo [PT4b7], o Gonçalo [PT7b7] ou a Laura [PT10g7]. A Marisa [PT3m36] inclusivamente disse à filha que estava a usar excessivamente o smartphone e a situação teria de mudar: *Marisa, PT3m36: Nós tivemos uma discussão esta semana em que eu lhe disse que o telemóvel iria ter de acabar, porque eu estou em casa e às vezes sinto que estou sozinha. Se bem que, em condições normais, eu quando chego estou a fazer o jantar ou a tratar das coisas para o dia seguinte, o que implica que eu não tenha tempo para ela e que ela substitua a minha presença pela televisão ou pela tecnologia.*



Verificámos também que duas crianças já têm os seus próprios smartphones, o Gonçalo [PT7b7] e a Laura [PT10g7]. Em ambos os casos, ficaram com smartphones antigos dos pais. No caso do Gonçalo [PT7b7], o *smartphone* não tem cartão SIM associado e é essencialmente usado como um “*mini-tablet*”, mas no caso da Laura [PT10g7], já existe a associação de cartão SIM, embora a menina apenas o utilize para fazer chamadas de voz com os pais.

As crianças que não têm *smartphone* pedem aos pais para o comprarem, pois querem estar em contacto com os amigos, como o Vicente [PT1b8] ou o António [PT2b9]. Alguns dos colegas da escola já têm e por isso torna-se difícil para os pais negar este pedido.

*Paulo, PT2f41: E também quer um telemóvel.*

*Entrevistadora: Para que é que ele quer o telemóvel?*

*Clara, PT2m41: O melhor amigo dele tem um smartphone e inclusivamente já comunica, já man-*

*da mensagens. Então, os miúdos do primeiro ciclo já comunicam e já mandam mensagens uns aos outros.*

Já o Vicente [PT1b8] gostaria de ter um smartphone porque “(...) os telemóveis têm dados móveis e os tablets não (...)” [Vicente,PT1b8] e deste modo poderia jogar no *tablet* no exterior, assim como “apanhar” Pokémons, atividade de que tanto gosta.

Foram vários os pais a referir que os filhos pedem-lhes um *smartphone*, como o Vicente [PT1b8], a Ana [PT9g8] ou a Leonor [PT3g8] e os pais tentam adiar esta aquisição.

*Marisa, PT3m36: Ela perguntou-me esta manhã quando é que eu lhe dava um telemóvel. Se era quando entrasse para o quinto ano. Disse-lhe que não. Só quando fizesse 15 anos. Ao que ela me respondeu: “Mãe, tu disseste que era quando eu entrasse para o 5º ano”. E eu disse-lhe que ela devia estar a confundir com o cinco. Eu disse 15. Quinze!*



## 4.1.2. Atividades

Relativamente às práticas digitais das crianças, aparentemente não há grandes mudanças, pois as suas atividades preferidas com o tablet continuam a ser jogar jogos e ver vídeos no YouTube, mas os seus interesses quanto aos tipos de jogos e vídeos que escolhem e apreciam mudaram consideravelmente. No ano anterior observámos que as práticas eram muito diferentes consoante o género, pois os rapazes preferiam jogos e vídeos relacionados com as suas personagens de universos ficcionais e brinquedos favoritos, como os super-heróis e o Lego, e as meninas também, gostando das princesas Disney e da Barbie. Além disso, os rapazes gostavam de jogos de desporto e lutas, ao passo que as meninas preferiam vestir princesas, cuidar de animais de estimação e experimentar maquilhagem. Este ano, os gostos relativamente aos jogos estão mais uniformes. Tanto rapazes como raparigas apreciam jogos de construção e criativos, sendo o grande eleito o Minecraft (por exemplo pelo António [PT2b9], pelo Mateus [PT6b8], pelo Gonçalo [PT7b7] e pela Laura [PT10g7]) ou a linguagem de programação Scratch, usada pelo António, que aprendeu com o professor na escola, nas aulas de informática.

Paulo, PT2f41: *Houve coisas que evoluíram* [na utilização de tecnologias pelo filho]. Uma que eu acho que é de certa forma interessante é que ele teve, o ano passado, aulas de informática, e o professor teve-lhes a ensinar a programar em Scratch. Ele, de vez em quando, pede-me o meu computador para aceder ao Scratch e vai fazendo as brincadeiras dele. Acho benéfico porque é uma linguagem de programação e acaba por desenvolver campos que me interessavam que ele desenvolvesse.

Contudo, verificámos que as meninas apresentam comportamentos mais próximos da pré-adolescência, apreciando ver no YouTube vídeos de músicas pop e mostrando já grande interesse pelas redes sociais e por ter smartphone, para poderem “(...) conversar com as amigas (...)” [Leonor, PT3g8], o que acontece com menos frequência entre os rapazes. Mesmo em termos gerais, algumas meninas já abandonaram brincadeiras com brinquedos físicos, enquanto que todos os rapazes ainda brincam. Tanto rapazes como raparigas conhecem alguns vloggers que acompanham no YouTube, como o Gonçalo [PT7b7] e o António [PT2b9] que gostam de ver um canal com

“vídeos muito engraçados” [António, PT2b] ou o Mateus [PT6b8] que gosta de ver vídeos sobre o Minecraft para aprender a jogar, “Há vídeos que eu gosto e aparece sempre vídeos novos” [Mateus, PT6b8].

A grande mudança que observámos está relacionada com as competências de pesquisa. Todas as crianças, sendo mais competentes na leitura e na escrita, desenvolveram as suas competências de pesquisa, tanto no YouTube como em motores de busca como o Google. Alguns acedem através do browser no seu tablet, mas a maioria fá-lo através das aplicações. As crianças são capazes de pesquisar sobre os seus interesses e curiosidades, e quando querem pesquisar, em inglês, nomes de músicas ou artistas por exemplo, pedem ajuda aos pais. As raparigas já não gostam tanto de ver vídeos de maquilhagens, mas sim de música pop (Leonor [PT3g8], Laura [PT10g7]). Os rapazes gostam de ver vídeos relacionados com os seus gostos, como por exemplo os jogos preferidos, o que veem na televisão ou o que vão partilhando com amigos na escola.

João, PT7f44: *Maioritariamente, eu acho que a mudança do ano passado para este é que ele vê cada vez mais vídeos no YouTube.*

Teresa, PT7m40: *Como ele já tem mais facilidade em escrever/procurar, já não está tão dependente de nós. Muitas vezes, ele ao início pedia muito para a gente lhe escrever as coisas para ir à procura. Hoje em dia, não pede nada. Está ali, vai tentado, não consegue, depois volta atrás, anda para trás e para a frente, mas vai-se safando.*

Por exemplo, o António [PT2b9], que gosta de jogar ao pião, vai ao YouTube para aprender alguns truques. Para além disso, ele próprio já faz tutoriais.

Paulo, PT2f41: *O Afonso agora com outro tipo de atividades na escola: andam com os piões.*

Clara, PT2m41: *Já consegue mostrar as habilidades no pião.*

Paulo, PT2f41: *Já entrou no campeonato. E então andou a fazer tipo uns tutoriais.*

Clara, PT2m41: *Eles próprios é que fazem.*

Paulo, PT2f41: *Mas ninguém lhe disse nada. Ele esteve a pesquisar no YouTube.*

Entrevistadora: *E aprendeu através dos vídeos?*

Paulo, PTf41: *Sim. Algumas coisas, sim.*

A mãe da Laura [PTg10] mostrou-lhe informação sobre o Cirque du Soleil e agora ela pesquisa vídeos sobre este tema e partilha-os com a mãe. O

Gonçalo [PT7b7] vai ao YouTube ver vídeos sobre jogos, escolhe o que lhe suscita mais interesse, faz o seu download e também vê vídeos sobre como jogar os jogos.

*Entrevistadora: Como é que ele escolhe jogos para fazer download?*

*João, PT7f44: Vai ao YouTube ver. Ele sabe que os jogos estão explicados no YouTube, então é aí que ele vai. Por isso é que eu noto que ele tem mais pesquisa no YouTube. Ele vai ao YouTube e, por exemplo, Minecraft... Ele não sabia nada e andava sempre ali chateado, até que começou a ir ao YouTube ver como é que se passava os níveis e como é que se jogava.*

No ano anterior os pais do Gonçalo [PT7b7] partilharam que ele ficava muito nervoso quando jogava, principalmente quando não conseguia passar os níveis. Esta situação alterou-se, pois o filho ace-

de ao YouTube para aprender como passar o nível e consegue resolver o problema sozinho.

Os rapazes assumem gostar de ver vídeos violentos no YouTube, como o Timóteo [PT4b7] e o Gonçalo [PT7b7].

Quanto a práticas partilhadas com os pais, observámos que estas se tornaram, em geral, mais frequentes. Entre as meninas e as mães, é frequente a pesquisa de videoclips e a partilha de momentos de canto e dança, muitas vezes enquanto as mães fazem outras tarefas como limpezas ou cozinhar (por exemplo, entre a mãe Marisa [PT3m41] e a filha Leonor [PT3g8] e entre a mãe Maria [PT10m42] e a filha Laura [PT10g7]). Os pais ganham mais relevo no apoio às tarefas escolares e às pesquisas (por exemplo, entre o pai Paulo [PT2f40] e o filho António [PT2b9]).



### 4.1.3. Competências

A maior parte das crianças que estudámos já revelavam boas competências digitais no ano passado: em relação aos dispositivos móveis, desbloqueavam-nos facilmente, acediam à “loja”, pesquisavam apps relacionadas com os seus interesses, distinguindo apps pagas de gratuitas. Caso tivessem ainda poucas competências de escrita, utilizavam a função do microfone passando assim o seu discurso para texto escrito. De modo autónomo, aprendiam a utilizar as aplicações instaladas, nomeadamente jogos. Apenas recorriam aos pais ou irmãos mais velhos quando tinham dificuldades em passar de nível ou necessitavam de password para instalar a app. Identificavam a memória repleta nos dispositivos e eliminavam apps. Este ano, a grande diferença é realmente a facilidade com que já conseguem ler e escrever. Isto permitiu-lhes não só evoluir imenso na realização autónoma de pesquisas, como também seguir instruções de sites e aplicações, desde que em português.

Todas as crianças sabem instalar e desinstalar aplicações, gerir a memória dos seus tablets e identificar aplicações pagas e não pagas. Sabem identificar publicidade e fechar as janelas sem saírem das aplicações que realmente pretendem usar. Também sabem tirar fotografias e fazer vídeos, e algumas mostram-se mais competentes na sua edição este ano.

A mãe da Leonor [PT3g8] comenta as competências de pesquisa da filha, muito admirada.

*Entrevistadora: Como avaliarias as competências da Leonor?*

*Marisa, PT3m: A nível do telemóvel, é a pesquisa que ela faz. Não sei, eles conseguem descobrir atalhos, faz coisas no telemóvel que eu não sei onde é que ela aprende. Ou às vezes até pergunto quem é que lhe ensinou. Diz-me que foi na escola. Pronto, ok. É na escola ou é o pai, que é mais virado para isso, que lhe ensina. Até no portátil. Eu tive problemas com o meu e virei aquilo tudo ao contrário. Tive que esperar que ela viesse para casa para lhe explicar a situação e ela chegou, carregou numas teclas que eu agora não me recordo, e resolveu. E eu, pronto, “obrigado, filha”. Eu não sei como eles desenvolvem estas competências. Sei que eles as vão desenvolvendo e eles próprios, porque há mais curiosos que outros, a Joana eu acho que não aprende tanto por curiosidade própria, eu acho que ela aprende por*

*acompanhamento dos colegas.*

*Outra novidade é o domínio de passwords. Todas as crianças nos souberam explicar o que são, referindo-se a estas como “um código” [Laura, PT10g7], importante para questões de segurança, por exemplo “(...) se uma pessoa roubar o telemóvel tem a palavra passe e não vai conseguir descobrir (...)” [Vicente, PT1b8] e identificando também outro tipo de passwords.*

*Entrevistadora: Tens alguma password?*

*Gonçalo, PT7b7: Sim, mas é uma password que não é bem de números. É aquelas coisas que tu fazes assim [coloca o dedo do home button do iPad] e aquilo abre logo.*

*Algumas têm passwords definidas para os seus próprios tablets [Laura, PT10g7] e outras contam que os dispositivos dos pais têm passwords e não as conhecem, tendo assim que pedir autorização para usar os dispositivos (conta-nos o António [PT2b9] sobre o seu irmão mais novo, o Marco [PT2b4]). Todos sabem o que é Wi-Fi e sabem que, em locais públicos como restaurantes ou na casa de outras pessoas, podem pedir a password. Sabem configurar e ligar, de modo a poderem ver vídeos no YouTube e jogar.*

*Marisa, PT3m36: Ainda ontem tive um jantar com umas amigas minhas e assim que nos sentámos o que ela pede é o telemóvel, porque diz que nós temos conversas de adultos e que vai estar ali sem fazer nada. Se lhe digo que não pode ligar os dados, para não os gastar, ela diz que está ali a password do Wi-Fi.*

*Os pais João [PT7f44] e Teresa [PT740] contam que até o seu filho mais novo, o Filipe [PT7b2], com apenas 2 anos, sabe fazer isto.*

*Relativamente aos vírus informáticos, as crianças têm algumas perceções sobre estes, como sendo algo que “fica na tecnologia” [António, PT2b9], estragando os dispositivos.*

*Leonor, PT3g8: É o computador que fica estragado (...) e depois não se pode mexer no computador.*

*Mateus, PT6b8: É quando o tablet está meio que avariado.*

*Gonçalo, PT7b7: Um vírus é assim uma alguma coisa má que entra no teu iPad ou no teu telemóvel e que te estraga, (...) um vírus é através da internet que te entram no iPad e pode-te estragar o iPad.*

*Contudo, as crianças não estão muito informadas sobre como se podem proteger com anti-vírus.*

Também não estão consciencializadas de riscos online e de como podem proteger a sua privacidade. Alguns pais já abordaram superficialmente alguns temas com as crianças, nomeadamente o que fazer quando encontram vídeos ou imagens que os assustam ou que não são para a sua idade, e aconselharam-nos a desligar (por exemplo, as mães Clara [PT2m40], Marisa [PT3m41] e Maria [PT10m42]). As crianças contam-nos que assim fazem (por exemplo, a Leonor [PT3b8] e a Laura [PT10g7]). Mesmo os que ainda não foram alertados pelos pais têm a capacidade de se auto-regularem, pois não querem ficar assustados. Ainda assim, algumas crianças reconhecem que esses conteúdos lhes suscitam curiosidade. Este é o caso do Gonçalo [PT7b7]. Apenas uma mãe já tocou em temas mais sensíveis como o cyberbullying e a proteção da privacidade (a mãe Maria [PT10m42]), os outros consideram que ainda é cedo.

A maioria dos pais continua a não querer aprofundar este assunto com os filhos. Alguns consideram que os filhos ainda são muito jovens, como a Maria [PT10m42], que refere que "(...) eu ainda não conversei com ela sobre essas coisas porque acho que daqui a um ano ela terá mais entendimento e fará muito mais eco do que agora". Outros pais consideram que os filhos ainda não estão em risco porque não usam redes sociais.

Clara, PT2m41: Mas eles não usam nenhuma ferramenta digital. Não falam com ninguém. Por

isso, também não há muito essa necessidade.

Alguns preferem não falar com os filhos sobre este assunto para não despertar a curiosidade, como a família PT7. A Gabriela [PT9m36] diz acompanhar a filha nas pesquisas online, justificando-lhe que na internet é possível encontrar informação que não é interessante e por isso é importante esse acompanhamento. Outros, apesar de terem consciência de que será necessário fazer algo sobre segurança digital, não sabem bem como fazê-lo.

Entrevistadora: Já falou com o Vicente sobre questões de segurança digital?

Susana, PT1m38: Não, por acaso não. (...) Eu estou um bocado despreocupada nesse sentido, mas acho que está na hora, se calhar, de pôr os filtros, não é? Não sei como é que se chama... para barrar, para não ver determinadas coisas. Não sei como é que isso funciona, mas sei que existe.

Os pais continuam a considerar que o verdadeiro desafio à segurança digital será a utilização de redes sociais pelos filhos devido ao contacto com estranhos.

Clara, PT2m41: O verdadeiro desafio ainda está para vir, quando começarem as ferramentas sociais.

Marisa, PT3m36: Neste momento, eu como ainda vou ouvindo e vou sabendo o que ela está a ver, preocupo-me, mas ainda não sei o que vou fazer na altura com assuntos como as redes sociais.



## 4.2. Como é que as percepções das tecnologias digitais (online) pelos diferentes membros das famílias evoluíram neste ano que passou?

**A**s alterações que observámos nas percepções e atitudes reveladas, tanto pelas crianças como pelos pais, são ligeiras, e parecem chegar a um ponto de encontro. No ano passado, as percepções e atitudes das crianças eram predominantemente positivas, partindo da conceptualização das tecnologias digitais como “mais um brinquedo” e fonte de entretenimento. Entre os pais, encontramos perspectivas opostas, sendo que alguns destacavam a importância das tecnologias no futuro dos seus filhos, a inevitabilidade da sua utilização, a aquisição de competências como vantagem, e o facto de estimularem aprendizagens.

*Clara, PT2m41: As tecnologias vão ser necessárias porque vão ser o futuro. (...) Tenho lido imensas coisas sobre tecnologia e tudo aponta para um futuro tecnológico. É assustador!*

*Maria, PT10m42: A Laura [PT10g7] já faz pequenas pesquisas para a escola, gosta muito de procurar vídeos, coisas mais relacionadas com a escola. Por exemplo, ela agora está a dar o corpo humano e então gosta de ir procurar vídeos do Era uma Vez a Vida no YouTube, e começa a ver.*

Outros estavam muito receosos dos efeitos negativos das tecnologias, sobretudo consequências físicas e psicológicas da utilização excessiva, e também a substituição de interações face a face e o desgaste dos laços sociais. Estas posições foram encontradas até na mesma família, como era o caso do pai Paulo [PT2f40] e da mãe Clara [PT2m40], respetivamente.

Passado um ano, as crianças continuam a gostar muito das tecnologias digitais, mas também já estão despertas para alguns riscos e efeitos negativos. O António [PT2b9] diz-nos que não pode jogar à noite, pois depois tem dificuldade em adormecer, não descansa, e não fica preparado para mais um dia de escola. A Leonor [PT3g8] relata-nos que já viu imagens de cariz sexual, o Gonçalo [PT7b7] conta-nos como gere sozinho a sua curiosidade em ver vídeos assustadores e o medo que lhe causam, e a Laura [PT10g7] diz-nos que já viu “coisas feias” sem especificar mais. As três crianças desligam voluntariamente os conteúdos e reconhecem-nos

como inapropriados para a sua idade e de cariz negativo.

*Entrevistadora: Na internet já viste alguma imagem feia?*

*Gonçalo, PT7b7: Ah já, já. Já me apareceu. Era um homem que estava com as pernas cortadas e com os braços cortados e com sangue.*

*Entrevistadora: O que é que fizeste quando viste essa imagem?*

*Gonçalo, PT7b7: Olhei para baixo (...) porque era um nojo porque havia uma parte que ele estava nu.*

*Entrevistadora: Os teus pais já te tinham avisado que podia aparecer assim qualquer coisa?*

*Gonçalo, PT7b7: Não.*

*Entrevistadora: Nunca ninguém te tinha alertado?*

*Gonçalo, PT7b7: Mas eu já me alertei a mim próprio.*

*Entrevistadora: Quando viste essa imagem contactaste aos pais?*

*Gonçalo, PT7b7: Não contei.*

A Laura [PT10g7] também nos fala de como tem que gerir o seu tempo de acordo com outras atividades de que gosta, como a ginástica rítmica.

Já entre os pais, as opiniões estão menos extremadas e demonstram menos ansiedade relativamente ao tema.

Os pais também nos referem momentos futuros em que antecipam mais tensões e dúvidas, relacionados com a evolução que os filhos fazem relativamente às tecnologias digitais. As grandes milestones identificadas, e que já tinham sido referidas no ano passado, são a adopção do smartphone e o início da utilização das redes sociais. A maior parte dos pais apontam mais ou menos para os 10 anos, para o início do 2º ciclo de escolaridade, como o momento em que permitirão a adopção do *smartphone*, mas alguns já deram aos filhos aparelhos antigos, que lhes permitem usar sem SIM (caso do Gonçalo [PT7b7]) e mesmo com SIM (caso da Laura [PT10g7]).

Sobre as redes sociais, falam em 13 ou 15 anos de idade como uma referência, apontando portanto para a frequência do 3º ciclo de escolaridade. A

mãe Maria [PT10m42] já permite que a filha Laura [PT10g7] explore plataformas como o Facebook e o Instagram mas com o perfil e acompanhamento da mãe.

Os pais convergem para percepções e atitudes

ambivalentes e mesmo paradoxais, em que identificam tanto vantagens como desvantagens nas tecnologias digitais. Mostramos na Tabela 3 uma lista das palavras-chave que os pais associaram às tecnologias digitais, em cada família.

**Tabela 3: Palavras-chave referidas pelos pais associadas às tecnologias (jogo inicial de quebra-gelo).**

	<b>Positivas</b>	<b>Negativas</b>
<b>PT1</b>	<b>Divertido Informativo Necessário</b>	<b>Anti-social Arriscado Discussões Distração Irritante Solidão Tensão Viciante</b>
<b>PT2</b>	<b>Útil Educativo Divertido</b>	<b>Anti-social Viciante</b>
<b>PT3</b>	<b>Útil Informativo Social Necessário Educativo</b>	<b>Viciante Irritante Anti-social Difícil Distração Tensão Discussões</b>
<b>PT4</b>	<b>Divertido Informativo Com a mãe Com o pai Exploramos juntos Atividade em família</b>	<b>Anti-social Discussões Solidão</b>
<b>PT6</b>	<b>Com o pai Necessário Divertido Informativo Educativo</b>	<b>Irritante Tensão São precisas competências para usar Arriscado Anti-social Viciante Solidão Aborrecido Discussões</b>

<b>PT7</b>	<b>Fácil Útil Informativo</b>	<b>Viciante Distração Anti-social Solidão</b>
<b>PT9</b>	<b>Divertido Atividade em família Exploramos juntos Curioso Educativo Útil Necessário</b>	<b>São precisas competências para usar Distração Viciante</b>
<b>PT10</b>	<b>Útil Educativo Divertido Exploramos juntos Desafio Informativo Interessante Social</b>	<b>Desafio</b>

As palavras positivas mais referenciadas pelas famílias são “informativo” (6), “divertido” (6), “educativo” (5) e “útil” (5). As palavras de âmbito mais negativo são “anti-social” (6), “viciante” (6), “discussões” (4), “distração” (4) e “solidão” (4). De um modo geral estas palavras resumem as opiniões e percepções dos pais relativamente às tecnologias, que temos vindo a destacar ao longo deste relatório. Reconhecem que estas são importantes para as crianças, pois a sociedade caracteriza-se por ser uma sociedade tecnológica e, inevitavelmente, o dia a dia das crianças está repleto de tecnologias. Por sua vez, consideram que o futuro dos seus filhos passará pela utilização assídua de tecnologias. São também relevantes para questões informativas e por isso a maioria incentiva os filhos para a sua utilização para pesquisas. Visto os filhos utilizarem-nas maioritariamente para jogos, reconhecem-nas como diversão. Por outro lado, concebem-nas como algo que não proporciona a socialização, pelo contrário, provoca a solidão. Alguns pais referiram que os filhos estavam um pouco viciados neste uso e quando jogavam não davam atenção a nada mais, provocando por isso discussões entre pais e filhos.

Observamos que nas famílias PT2, PT4, PT9 e PT10 foram escolhidas mais palavras positivas, nas restantes predominam as negativas. Nestas famí-

lias, foram escolhidas palavras como “atividade em família” e “exploramos juntos”, denotando uma mediação parental mais participativa e de suporte. Como pontos positivos, destacam-se as percepções dos pais relativamente às tecnologias como fontes de conhecimento e de entretenimento. No lado mais negativo, os pais salientam a questão da distração, do vício, e da perda de sociabilidade. A mãe Marisa [PT3m41] é a que escolhe mais palavras contraditórias, nomeadamente “social” e “anti-social”. Quando questionada sobre esta escolha, explica-nos que as tecnologias podem aproximar a filha de amigos, mas que sente que a afastam dela. A mãe Maria [PT10m42] fornece uma boa síntese para o tema, afirmando que o aproveitamento das oportunidades e a exposição aos riscos depende sobretudo da utilização que se faz destas ferramentas. No seu caso, temendo o desgaste dos laços sociais, promove a utilização do tablet em atividades conjuntas com a filha, dando ao aparelho o uso exatamente oposto relativamente ao efeito que lhe desagrada e que quer evitar.

No inquérito online que fornecemos às famílias previamente à nossa visita, também procurámos conhecer as percepções dos pais relativamente às tecnologias. Mostramos as respostas na Figura 4.

**Figura 4:** Percepções dos pais relativamente às tecnologias digitais.



A opção mais escolhida foi “são úteis para aprender algumas coisas”, selecionada por todos os pais. Pelo menos metade das famílias também concordaram que “respondem à curiosidade”,

mas “afastam os membros da família”, “causam uso excessivo ou dependência”, e “deixam as crianças demasiado excitadas e stressadas”.



## 4.3. Como é que a mediação parental do uso que as crianças fazem das tecnologias digitais (online) evoluiu no último ano?

No ano passado, tínhamos relacionado os estilos de mediação parental encontrados (segundo Valke, et al., 2010) com o grau de utilização das tecnologias pelas crianças e pelos pais. Apresenta-

mos estes dados na Tabela 4, e assinalamos as alterações observadas. Acrescentamos também uma coluna com as percepções e atitudes manifestadas este ano pelos pais relativamente às tecnologias digitais.

**Tabela 4: Estilos de mediação parental versus utilização de tecnologias por crianças e pais**

	Grau de utilização das tecnologias pela criança <sup>1</sup>	Grau de utilização das tecnologias pelos pais <sup>2</sup>	Estilo de mediação parental (Valke et al., 2010)	Percepções e atitudes dos pais relativamente às tecnologias digitais (jogo das palavras-chave)
<b>PT1</b>	Vicente, PT1b6, Elevado	Vanessa, PT1m38, Médio	<i>Laissez-faire</i> (permissivo, baixo envolvimento)	Maioritariamente negativas
<b>PT2</b>	António [PT2b7], Elevado	Paulo [PT2m40], Elevado Clara [PT2f40], Elevado Marco [PT2b4], Elevado	Permissivo, passou a <b>Autorizado</b> (restritivo, elevado envolvimento)	Maioritariamente positivas
<b>PT3</b>	Leonor [PT3g8], Elevado	Marisa [PT3m41], Médio Vasco [PT3f36], Elevado (divorciado)	Autorizado (restritivo, elevado envolvimento)	Maioritariamente negativas
<b>PT4</b>	Timóteo, PT4b6, Elevado	José, PT4sf38, Médio Vanessa, PT4m26, Médio Soraia, PT4g9, Elevado Marcelo, PT4b7, Elevado Joaquim, PT4b2, Baixo	<b>Autoritário</b> (restritivo, baixo envolvimento)	Maioritariamente negativas
<b>PT6</b>	Mateus, PT6b7, Elevado	Cristina, PT6m41, Médio Salvador, PT6f, Elevado (divorciado)	<i>Laissez-faire</i> passou para <b>Autoritário</b> (restritivo, baixo envolvimento)	Maioritariamente negativas

<sup>1</sup> O grau de utilização das tecnologias pelas crianças foi baseado nos seguintes critérios: 'baixo utilizador', utiliza um dispositivo digital pelo menos uma vez por semana; 'utilizador médio', utiliza um dispositivo digital pelo menos duas a três vezes por semana; 'utilizador elevado', utiliza tecnologias um dispositivo digital pelo menos uma vez por dia.

<sup>2</sup> O grau da utilização das tecnologias pelos pais foi baseado nos critérios referidos no comentário de rodapé 4.

<b>PT7</b>	<b>Gonçalo [PT7b7], Elevado</b>	<b>João [PT7f44], Elevado Teresa [PT7m40], Médio Filipe [PT7b2], Médio</b>	<b>Autorizado, passou a Autoritário (restritivo, baixo envolvimento)</b>	<b>Maioritariamente negativas</b>
<b>PT9</b>	<b>Ana [PT9g8], Médio</b>	<b>Gabriela, PT9m35, Médio</b>	<b>Autorizado (permissivo, elevado envolvimento)</b>	<b>Maioritariamente positivas</b>
<b>PT10</b>	<b>Laura [PT10g79], Elevado</b>	<b>Maria [PT10m42], Elevado Manuel [PT10f59], Elevado (passa longos períodos fora em trabalho)</b>	<b>Autorizado (permissivo, elevado envolvimento)</b>	<b>Maioritariamente positivas</b>

Verificamos assim um contraste entre os lares onde os pais são mais passivos, e portanto não participam muito em atividades digitais com os filhos e não os acompanham muito, e que tendem a estabelecer mais regras, e os lares onde os pais participam ativamente quer em atividades em família quer no acompanhamento e ensino, e que tendem a ser mais permissivos.

Relativamente às regras, quando existem, continuam a incidir mais sobre o tempo de utilização do que sobre os conteúdos e atividades. Por exemplo, o António [PT2b9] e o Gonçalo [PT7b7] só podem usar o tablet ao fim de semana, e a Laura [PT10g7] só pode usar por um período limitado de tempo (cerca de meia hora diária) e depois de fazer os trabalhos de casa e ter tudo arrumado. No caso do Vicente [PT1b8], até nos mostrou um horário feito com a mãe para delimitar o seu tempo de utilização do tablet. O computador nunca está incluído nestas regras, pois não é percebido pelos pais como brinquedo ou entretenimento, mas como ferramenta de trabalho e estudo.

Não verificamos muitas alterações relativamente a regras. Se no ano passado estas estavam em negociação em alguns dos lares, pois as tecnologias eram recentes (como no caso da Ana [PT9g8]), este ano parecem ter entrado em rotina, e tanto crianças como pais se sentem confortáveis com elas. Por norma as regras mantêm-se ou então são atualizadas dependendo dos novos usos. Por exemplo, a Leonor [PT3g8] usava muito o tablet em casa do pai, sem restrições e agora só pode usá-lo ao fim de semana, regra aplicada por excesso de uso. O Mateus [PT6b7] usava o seu tablet um pouco à noite, no entanto a utilização aumentou bastante, passando a ver tutoriais com linguagem menos própria, entretanto proibidos pela mãe.

*Cristina, PT6m41: Depois um dia como eu me*

*aborreci porque ouvi aqueles palavrões todos [nos vídeos do YouTube], asneiras da grossa, disse-lhe que partia aquilo [o tablet] e ele esteve uma semana sem jogar. E depois àqueles vídeos não foi mais.*

O Gonçalo [PT7b7] agora só pode jogar ao fim de semana, pois os pais consideraram que estava a usar o tablet de um modo excessivo.

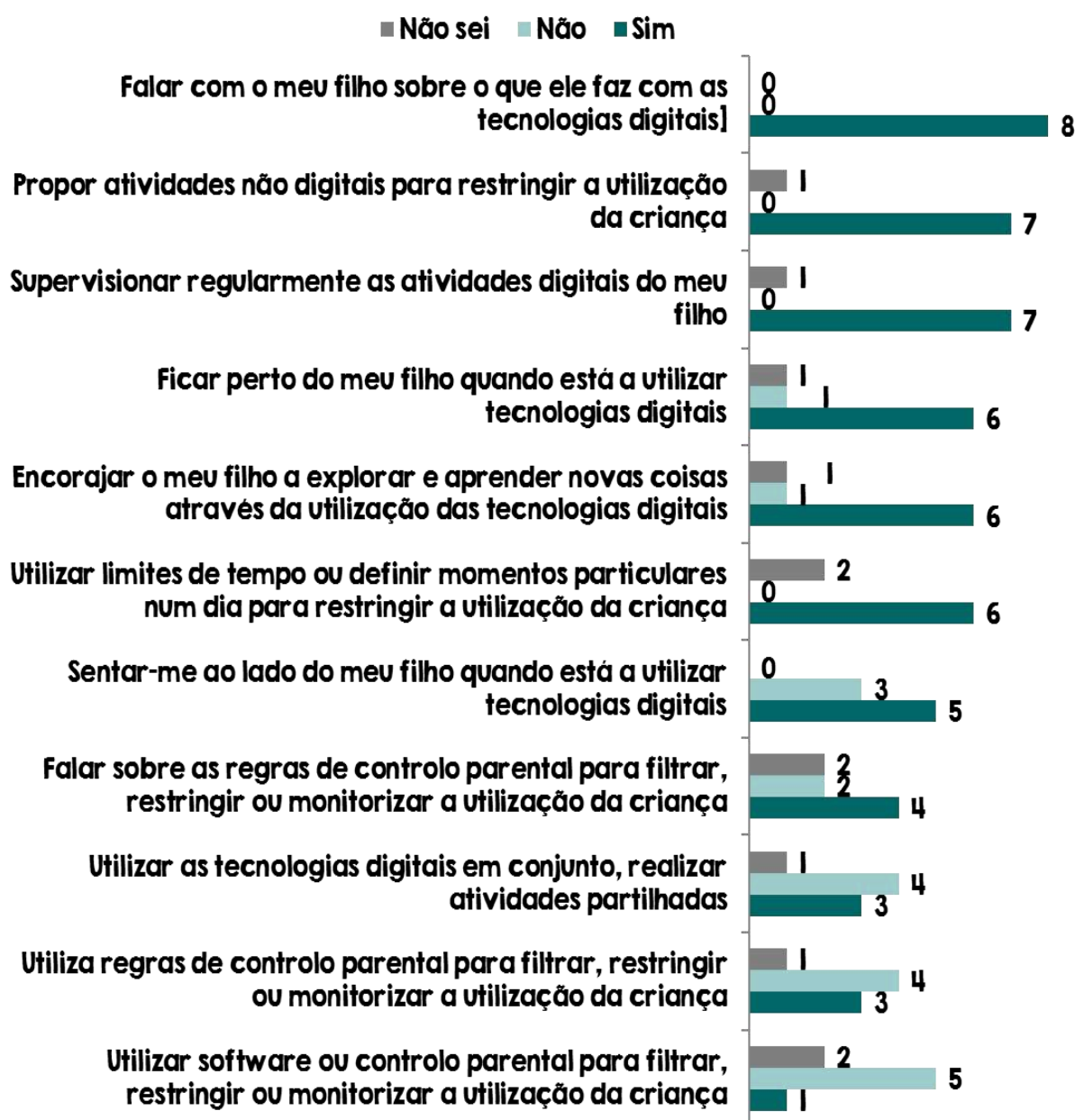
*João, PT7f44: Se a gente almoçar e lhe der o iPad para a mão, enquanto houver bateria... e se ele estiver ligado à corrente, é até jantarmos! Não faz mais nada.*

A Ana [PT9g8] durante a semana só pode utilizar as tecnologias durante uma hora, pois a mãe considerou que ela estava a fazer um uso excessivo destas.

Enquanto que no ano anterior algumas crianças revelaram insatisfação pela implementação das regras, este ano estas foram recebidas de modo pacífico e sem reclamações.

Quanto aos riscos, as opiniões dos pais dividem-se um pouco. Se no ano passado os pais falavam mais unanimemente de diálogo e informação, mostrando consciência de que os filhos conseguiriam ultrapassar filtros e software de controlo parental se assim o desejassem, este ano foram adotadas regras mais restritivas em algumas das famílias (PT4, PT6, PT7), e alguns pais confessam que, à medida que as crianças vão estando expostas a mais riscos, poderão considerar outras formas de supervisão. Houve também famílias onde os pais aumentaram os seus esforços para participarem mais nas atividades digitais dos filhos, como a PT2, PT3, PT9 e PT10. A Figura 5 resume também a posição dos pais relativamente a este tema.

**Figura 5: Formas participativas de mediação parental**



Todos os pais “falam com os filhos sobre as suas atividades digitais” e procuram estar a par dos seus interesses e das práticas das crianças. Em seis das famílias, os pais afirmam que “encorajam os filhos a explorar e a aprender com as tecnologias digitais”. Vemos também que os pais procuram participar, alguns apenas “ficando perto dos filhos enquanto eles usam tecnologias digitais”, e outros “sentando-se com os filhos enquanto eles usam tecnologias digitais”. No entanto, apenas em três famílias são realizadas “atividades em conjunto”. Um dos respondentes admite usar filtros e software e controlo parental.

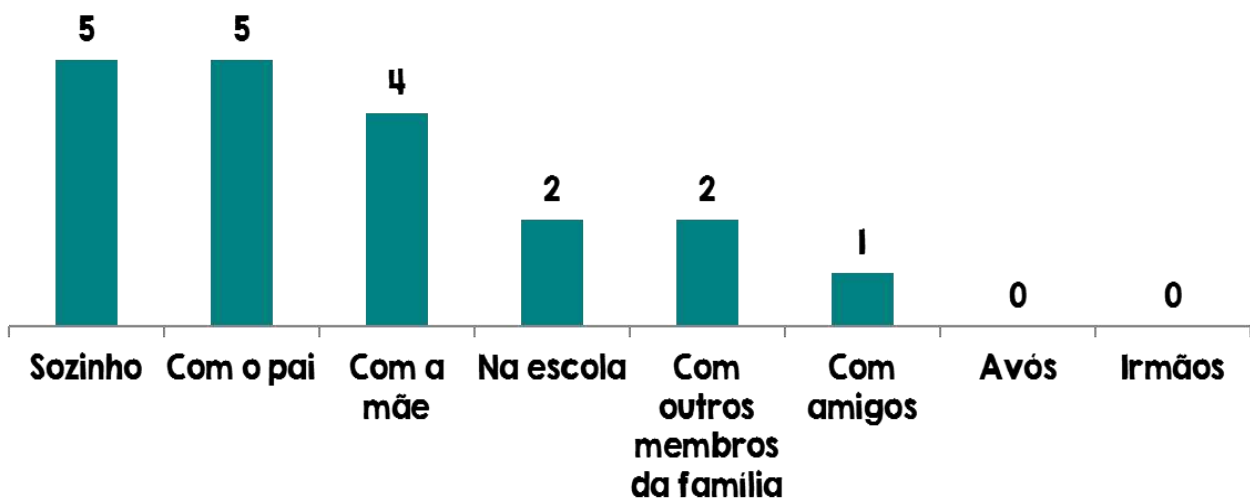
Relativamente à mediação de outros elementos da família, verificámos que as crianças com irmãos mais novos assumem também o papel de mediadores perante eles. Este é o caso do António [PT2b9] relativamente ao irmão Marco [PT2b4] e do Gonçalo [PT7b7] relativamente ao irmão Filipe [PT7b2], embora ainda o considere muito novo e diga que ele “não sabe fazer nada”. Na família PT4, em que há irmãos mais velhos, verificámos que estes influenciam bastante os mais novos. A irmã Soraia [PT4g9] medeia no sentido de ir ensinando aos irmãos mais novos, ao passo que o Marcelo [PT4b7] influencia bastante as atividades e gostos

do Timóteo [PT4b6], sendo ele que o estimula, por exemplo, a ver vídeos violentos. A mãe Marisa [PT3m41] admite a ocorrência de mediação invertida, relatando situações em que foi a filha a explicar-lhe como fazer algo no computador e no tablet, e a ensinar-lhe. O mesmo sucede com o Mateus [PT6b8] e a mãe Cristina, pois o filho tem mais competências neste sentido do que a mãe.

Apesar destas mediações, as crianças aprendem

maioritariamente de forma autodidata, explorando sozinhas e até mesmo recorrendo a recursos online (Figura 6). Seguidamente, os pais desempenham o papel mais importante como mediadoras, e segue-se-lhes a escola, quer pelo estímulo dos professores, quer dos pares. As famílias corroboram estas observações nas suas respostas ao inquérito.

**Figura 6: Com quem é que o seu filho aprende a usar as tecnologias digitais?**



## 4.3. Resultados surpreendentes

A decisão de repetirmos o nosso estudo, mesmo que algumas crianças já tenham saído da faixa etária alvo, foi precisamente compreendermos até que ponto a aquisição das competências de leitura e escrita é determinante para as práticas digitais das crianças.

Tendo em conta o interesse e curiosidade que demonstraram no ano passado, e as estratégias, por vezes complexas, que desenvolveram para ultrapassar algumas das limitações que enfrentavam, nomeadamente nas pesquisas, esperávamos este ano encontrar competências mais avançadas, sobretudo ao nível da produção de conteúdos. De facto, todas as crianças se tornaram muito mais proficientes nas pesquisas, e isso proporciona-lhes novos horizontes de exploração dos seus interesses e aprendizagem, mas continuam a fazer uma utilização maioritariamente passiva das tecnologias. Tiram fotografias e fazem vídeos, mas poucos

os editam. A grande exceção é o jogo Minecraft, preferido pelo Mateus [PT6b8], Gonçalo [PT7b7] e Laura [PT10g7], onde assumem o papel de criadores, e na aplicação de programação Scratch, usada pelo António [PT2b9].

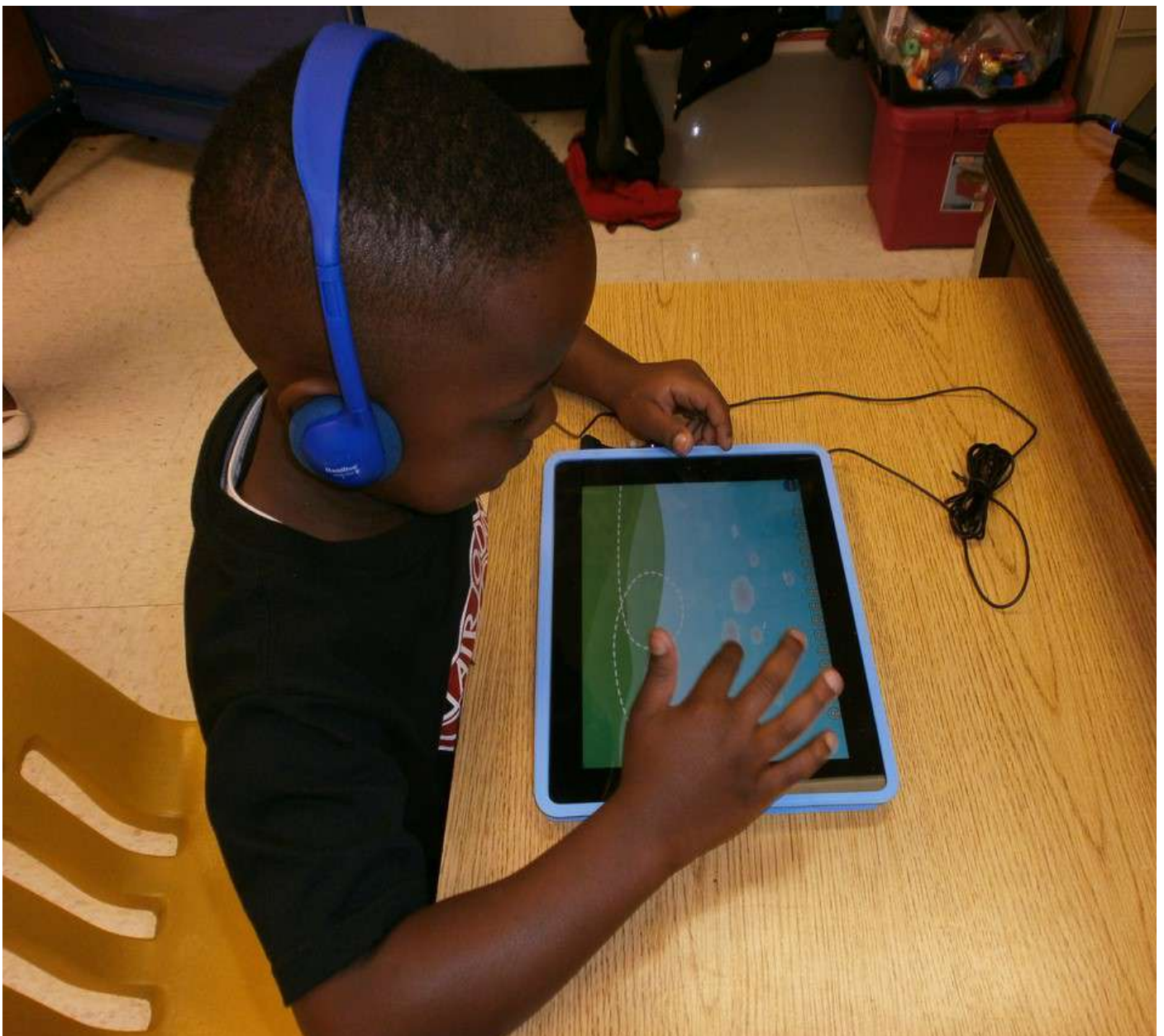
Os interesses e atividades das crianças mudaram bastante no espaço de um ano. Sobretudo nas meninas, é notória uma transição de gostos característicos da infância para outros mais relacionados com a pré-adolescência, o que em alguns casos se revela precoce, aos 7 anos.

As percepções reveladas pelos pais, e as mudanças no estilo de mediação parental é que podem ser consideradas surpreendentes, no sentido em que são contraditórias com o que acontecia no ano passado, e por vezes até com o discurso dos pais. No ano anterior os pais mostraram-se muito ansiosos relativamente à utilização das tecnologias pelos filhos: eles usavam-nas durante bastante tempo e

havia muitas discussões originadas pela retirada dos dispositivos aos filhos. Havia também várias regras que limitavam o tempo de utilização mas não incidiam sobre o conteúdo, e os pais não participavam em atividades digitais com os filhos, alegando falta de tempo. Os pais afirmavam também apostar sobretudo no diálogo, quando se colocassem situações de perigos online, o que acreditavam que ainda não acontecia. Este ano, encontramos as regras já mais estabilizadas nos lares. Os pais já testaram diferentes possibilidades e adotaram o que consideraram mais acertado, e as crianças conhecem e aceitam as regras. Ainda incidem mais sobre o tempo de uso, mas os pais revelam maior preocupação em estar atentos aos sons enquanto os filhos estão a ver vídeos no YouTube, e em supervisionar as atividades digitais. Em algumas das famílias, foi mesmo adoptada uma mediação mais participativa, como é o caso das famílias

PT2, PT9 e PT10. Há também alguns pais que, após já terem enfrentado situações em que os filhos contactaram com conteúdos não apropriados para a sua idade, estão a considerar a utilização de filtros e de software de controlo parental.

A grande mudança observada é que as tecnologias digitais deixaram de ser percebidas como meros brinquedos, e o seu potencial educativo e pedagógico passou a ser mais reconhecido. Ainda assim, o tablet é mais associado ao entretenimento e à brincadeira, e o computador portátil à aprendizagem e ao estudo. Os pais estabelecem limites ao uso do tablet, mas até incentivam o uso do computador para pesquisas e atividades pedagógicas. Ainda assim, consideramos que nos surpreendeu mais no ano passado o potencial educativo das tecnologias digitais ser ignorado pelos pais, observando este ano que o começam a reconhecer e explorar.



# 5. Discussão

# Como evoluiu o papel que as tecnologias digitais (online) desempenham nas vidas das crianças e dos pais?

**E**m bora a metodologia qualitativa adoptada seja favorável à observação da intimidade das famílias, e o facto de voltarmos a visitar famílias que já conhecíamos e com as quais mantivemos contacto esporádico ao longo deste ano, fornecendo informações sobre o decorrer do projeto e trocando impressões sobre esta temática, tenha favorecido ainda mais este contacto, a verdade é que nos foi difícil objetivar o papel que as tecnologias digitais desempenham na vida destas famílias e como é que isto evoluiu no último ano, simplesmente porque as tecnologias estão completamente integradas nestes lares. As tecnologias digitais são um dado adquirido, fazem parte das rotinas diárias das famílias, e embora possam despoletar tensões, conflitos, dúvidas e

reflexões, na maior parte das vezes são vistas e usadas com “naturalidade”.

Ainda assim, observámos o desenvolvimento do espírito crítico sobre este tema, quer nos pais quer nas crianças. As percepções e atitudes que nos revelaram são mais ponderadas e menos extremadas, estão mais conscientes das oportunidades e riscos, e sobretudo da responsabilidade que lhes cabe na tomada de decisão sobre como as utilizar. Isto está patente não só na auto-regulação revelada pelas crianças, como também na evolução dos estilos de mediação parental para “autorizado” na sua maioria, implicando assim uma atitude mais permissiva mas também mais participante por parte dos pais. Contudo, alguns pais, anteriormente mais permissivos, evoluíram para estilos de media-



ção parental autoritários, tendo sentido necessidade de impor regras após situações que lhes desagradaram, como uso excessivo ou contacto com conteúdos não apropriados.

Para as crianças, o papel da tecnologia evoluiu de mero brinquedo e fonte de entretenimento para, também, fonte de conhecimento. Este passo é muito importante, pois esta percepção limitada era um dos maiores entraves que encontramos no ano passado à exploração de todo o potencial educativo destes dispositivos pelas famílias. As crianças estão já conscientes de que podem usar estas tecnologias para investigar, satisfazer curiosidades, e aprender. E também é interessante verificar que não dissociam a aprendizagem do entretenimento, dando relevo ao potencial pedagógico das tecnologias digitais, que deriva do seu carácter lúdico.

Para os pais, as tecnologias já não são retratadas como “solução para tudo” nem como o “bicho papão”. Os pais revelam uma maior consciência do papel da agência humana, e encaram as tecnologias como ferramentas que têm o potencial para ser o que fizermos delas.

A integração das tecnologias na vida familiar pode ter impacto na atmosfera familiar. Na sua investigação, Kraut, Brynin e Kiesler (2006) verificaram que a integração da tecnologia na atmosfera familiar teve um impacto positivo, proporcionando uma série de vias para a comunicação entre os membros da família. De notar também que os pais que proporcionam aos seus filhos acesso a

tecnologias, com mediação adequada (como um estilo autorizado), têm um melhor ambiente familiar (Kraut, Brynin & Kiesler, 2006). O estudo realizado por Dwyer e Saunders em 2005 sobre o uso de tecnologia e as relações familiares mostra que as famílias que abraçaram a tecnologia de um modo “correto” são aquelas que têm um ambiente familiar saudável (Dwyer & Saunders, 2005). O modo “correto” significa que os pais utilizam-nas de modo regular e também percebem aspetos positivos, assim como negativos, desta utilização das crianças. É natural que se os pais utilizarem as tecnologias sem qualquer controlo, que as crianças imitem esse exemplo, passando deste modo a serem escassos os momentos de interação *um para um*. Se utilizadas corretamente, existe um sem número de ferramentas tecnológicas que podem facilitar e enaltecer o desenvolvimento de um ambiente apropriado em família. No entanto, existem também várias famílias que não usam essas ferramentas, pensando no possível efeito prejudicial que pode ter sobre as crianças. Com essa abordagem, o relacionamento pai-filho não pode ter qualquer vantagem com as tecnologias e também poderá criar curiosidade entre as crianças, que podem tentar aceder às ferramentas de modo incorreto. A dependência excessiva da tecnologia resulta em perda de contacto pessoal e ambiente negativo na família, afetando negativamente a atmosfera familiar (Cho & Allen, 2013).



# 6. Conclusões

**N**os últimos tempos o uso de tecnologia tem aumentado no seio das famílias. Em casa as crianças experienciam regularmente o uso de computadores e tecnologias móveis e os membros da sua família usam vários dispositivos tecnológicos nas suas rotinas diárias (Anderson, 2015; Saracho, 2015). Estudos já realizados apelidam este fenómeno de "technofence", isto é, "technology interference" (interferência tecnológica), definindo-o como intrusões ou interrupções quotidianas (sendo muitas vezes breves) nas interações entre casais, famílias ou no tempo em que estão juntos, devido à tecnologia (McDaniel & Coyne, 2016).

A vida familiar está agora repleta de dispositivos tecnológicos, sendo que a maioria dos adultos possui *smartphones*, computadores, *tablets*, entre outros (Anderson, 2015). Estudos já realizados apelidam este fenómeno de "technofence", isto é, "technology interference" (interferência tecnológica), definindo-o como intrusões ou interrupções cotidianas (sendo muitas vezes breves) nas interações de casal ou família ou no tempo passado juntos devido à tecnologia (McDaniel & Coyne, 2016).

A tecnologia tornou-se invasiva na vida familiar, criando um ambiente a que Middleton apelidou de "always-on" (Middleton, 2007) ou seja, um estado de "contacto permanente" com os outros (Katz & Aakhus, 2002). Por exemplo, Rainie e Zickuhr (2015) relevam que cerca de 90% dos adultos norte-americanos consultam o seu smartphone com frequência e 76% afirmam que nunca ou raramente desligam o smartphone. Esse ambiente pode promover a adultos, crianças e famílias novas oportunidades de conexão (Kennedy & Wellman, 2007; Padilla-Walker et al., 2012), mas também novos desafios que surgem pela primeira vez. De facto, muitos adultos referem que não podem viver sem tecnologia (como o smartphone, internet e redes sociais) (Popkin, 2011; Rainie & Keeter, 2006), e estudos revelam que muitas pessoas sentem desconforto quando precisam de se desconectar temporariamente (i.e., desligar o telefone por um período de tempo) (Jarvenpaa & Lang, 2005). Por outras palavras, as pessoas estão a apegar-se excessivamente às tecnologias, algo que não existia na nossa sociedade num passado recente. Devido a esses novos recursos da tecnologia móvel e às potenciais lutas dos adultos para se desconectar desses dispositivos, é importante estudar a tecnologia nas relações familiares.

As tecnologias estão a ter uma profunda influência durante os seus anos de crescimento da criança (Chou, 2012; Yeh et al., 2011). É importante que as tecnologias usadas pelas crianças sejam "práticas adequadas para o seu desenvolvimento" (Dina, 2009; Parette, Blum & Quesenberry, 2013). Instituições como a National Association for the Education of Young Children e o Fred Rogers Center for Early Learning and Children's Media at Saint Vincent College (NAEYC e the Fred Rogers Center, 2012) têm-se preocupado sobre o papel das tecnologias na educação de crianças mais jovens (Parette et al., 2010) e reforçam que tanto as crianças mais jovens como as famílias necessitam de utilizar métodos que explorem a tecnologia de modo apropriado ao desenvolvimento das crianças. Deste modo, os pais devem ter em conta as aprendizagens das crianças e não tanto as aplicações das próprias tecnologias. De acordo com o estudo de Snider e Hirschy (2009), os seres humanos têm uma disposição genética de modo a preferirem informação que lhes é apresentada de forma visualmente estimulante ou interativa. Esta disposição genética está presente desde o nascimento e por isso as crianças aprendem mais efetivamente através desses meios e preferem-nos a outros (Snider & Hirschy, 2009). Durante a infância, as crianças são curiosas e são receptivas à informação interativa que lhes é proporcionada.

Mas as crianças pequenas estão também mais expostas e vulneráveis à influência dos media e aos riscos online (Sonck et al., 2012; Mascheroni & Murru, 2014). Cabe sobretudo aos pais, mas também às escolas, direcionar a utilização das tecnologias digitais para atividades e conteúdos positivos e benéficos para as crianças. Não que estes conteúdos tenham que ser estritamente pedagógicos ou educativos, pois as crianças também precisam de diversão, entretenimento e relaxamento, mas que sejam seguros, seguindo algumas diretrizes já estabelecidas para conteúdos digitais positivos (Livingstone, 2008; Pijpers & Van der Bosh, 2014). Com o nosso estudo longitudinal, verificámos que estas famílias que acompanhámos já deram um passo adiante na percepção e conceptualização dos dispositivos digitais como locus, não apenas de entretenimento, mas também de aprendizagem. Vemos também que o espírito crítico aumentou tanto nos pais como nos filhos, e que todos procuram a melhor forma de gerir as tecnologias presentes nas suas rotinas diárias. Esperamos que este estudo tenha contribuí-

do para que possam encontrar esse caminho e fazer escolhas melhores.

Terminamos referindo, no entanto, algumas limitações da nossa metodologia. A mais importante é que depende dos discursos auto-reportados de pais e crianças. Já no ano passado tentámos ultrapassar o viés do “politicamente correto” e de “nos dizerem o que queremos ouvir” confrontando as entrevistas separadas a pais e filhos, e ainda com as nossas observações. Este ano, ficaram também evidentes algumas contradições entre as entrevistas e as respostas ao inquérito por questionário. Sem dúvida, os métodos qualitativos permitiram-nos penetrar mais na intimidade das famílias e conhecer melhor as suas práticas e opiniões. Este

tipo de investigação em profundidade é, geralmente, mais limitado em termos de dimensão da amostra. Este ano, a nossa amostra ficou ainda mais reduzida. Ainda assim, consideramos que fornece a diversidade de narrativas almejada. Como linhas de investigação futuras, seria importante começarmos a acompanhar este fenómeno desde mais cedo, praticamente desde o nascimento. Assim, um estudo longitudinal mais alargado em termos de tempos seria importante. Ao mesmo tempo, uma vez que tecnologias e práticas mudam com grande rapidez, é também importante continuar a acompanhar crianças da mesma faixa etária, traçando assim a evolução de tendências ao longo do tempo.





# **6. Referências Bibliográficas**

- American Academy of Pediatrics (2011). Media use by children younger than two years. *Pediatrics*, 128(5). DOI: 10.1542/peds.2011-1753.
- Anderson, M. (2015). *Technology device ownership*. Pew Internet & American Life Project. Retrieved from [http://www.pewinternet.org/files/2015/10/PI\\_2015-10-29\\_device-ownership\\_FINAL.pdf](http://www.pewinternet.org/files/2015/10/PI_2015-10-29_device-ownership_FINAL.pdf)
- Baek, Y., Jeong-min, L., Kyu-Soo, K. A. (2013). Study on smartphone use condition of infants and toddlers. *International Journal of Smart Home*, 7, 123-132.
- Becta (2010). *I'm Stuck Can You Help Me? A Report into Parents' Involvement in Schoolwork at Home*. Becta, Coventry. Retrieved from <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20101102103654/publications.becta.org.uk//display.cfm?resID=42205> (last accessed 14 June 2011).
- Boyatzis, R. E. (1998). *Transforming Qualitative Information*. Sage: Cleveland.
- Charmaz, K. (2004). Grounded Theory. In S. N. Hesse-Biber & P. Leavy (Eds.), *Approaches to qualitative research: A reader on theory and practice* (pp. 496-518). New York: Oxford University Press.
- Chen, M. (2010). If technology motivate, students, let's use it! Retrieved from <https://www.edutopia.org/blog/motivating-students-technology>
- Cho, E., & Allen, T. D. (2013). Work-to-family conflict and the family dinner: what makes a difference?. *Community, Work & Family*, 16(1), 88-99.
- Chou, Mei-Ju (2012). Effects of Computer-Assisted Instructions on Logistic Thinking and Creation Capability - A case study on G1 Pupils using E-books. *The International Journal of Organizational Innovation*, 5(2), 213, 231.
- Common Sense Media. (2013). *Zero to eight: Children's media use in America 2013*. Retrieved from <https://www.commonsensemedia.org/research/zero-to-eight-childrens-media-use-in-america-2013>
- Dina, B. R. & Candace, J. (2009). Developmentally Appropriate Technology Use and Early Childhood Teacher Education. *Journal of Early Childhood Teacher Education*, 30(2), 162-171.
- Dwyer, P., & Saunders, C. (2005). *Power, Technology, and Work/Family Relations: Evidence from the Literature on Supplemental Work-at-Home*. Retrieved from <https://goo.gl/agixJA>
- Formby, S. (2014). *Practitioner perspectives: Children's use of technology in the early years*. UK: National Literacy Trust Pearson. Retrieved from: <https://goo.gl/XHdzVG>
- Genc, Z. (2014) Parents' perceptions about the mobile technology use of preschool aged children. *Procedia - Social and Behavioural Sciences*, 146, 55-60.
- Given, L., Winkler, D., Willson, R., Davidson, C., Danby, S., & Thorpe, K. (2014). *Documenting Young Children's Technology Use: Observations in the Home*. Paper presented at the 77th AIS&T Annual Meeting, Seattle, WA, USA, 1-9. Retrieved from <https://www.asis.org/asist2014/proceedings/submissions/papers/36paper.pdf>
- Hague, C., & Payton, S. (2010). *Digital literacy across the curriculum*. Bristol, UK: Futurelab.
- Harris A., & Goodall, J. (2008). Do parents know they matter? Engaging all parents in learning. *Educational Research*, 50, 277-289.
- HM Government (2014). *Horizon Scanning Programme: Social attitudes of young people*. [www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/389086/Horizon Scanning - Social Attitudes of Young People report.pdf](http://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/389086/Horizon_Scanning_-_Social_Attitudes_of_Young_People_report.pdf)
- Holloway, D., Green, L. and Livingstone, S. (2013). *Zero to eight: Young children and their internet use*. LSE, London: EU Kids Online. Retrieved from: <https://goo.gl/1I6UE2>
- Holloway, D., Green, L., & Stevenson, K. (2015). Digitods: Toddlers, touch screens and Australian family life. *M/C Journal*, 18(5). Retrieved from <https://goo.gl/raK7lt>
- Jarvenpaa, S.L. & Lang, K.R. (2005). Managing the paradoxes of mobile technology. *Information Systems Management*, 22 (4), pp. 7-23.
- Katz, J.E., & Aakhus, M.A. (Eds.) (2002). *Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Kennedy, T.L.M. & Wellman, B. (2007). The networked household. *Information, Communication & Society*, 10(5), pp. 645-670. Retrieved from: <https://goo.gl/LHet88>
- Kraut, R., Brynin, M., & Kiesler, S. (2006). Computers, Phones, and the Internet: Domesticating Informati-

on Technology. New York: Oxford University Press.

Kucirkova, N. (2011). Digitalised early years – Where next? *New Voices*, 24(12), 938– 940.

Livingstone, S. (2008). A rationale for positive online content for children. *Communication Research Trends*, 28(3), 12-16.

Livingstone, S. (2014). Children’s digital rights: A priority. *Intermedia*, 42(4/5), 20–24.

Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2010). Balancing opportunities and risks in teenagers’ use of the internet: The role of online skills and internet self-efficacy. *New Media & Society*, 12(2), 309-329.

Mascheroni, G. & Murru, M.F. (2014) Digital literacies and civic literacies: theoretical issues: research questions and methodological approaches. *Medijska istraživanja*, 20, 31-53.

Mawson, W. B. (2013). Emergent technological literacy: what do children bring to school?. *International Journal of Technology & Design Education*, 23, 443–453. doi 10.1007/s10798-011-9188-y

McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). Technology interference in the parenting of young children: Implications for mothers’ perceptions of coparenting. *The Social Science Journal*. 53(4)435-443. doi: 10.1016/j.soscij.2016.04.010

McPake, J., Plowman, L., & Stephen, C. (2013). Pre-school children creating and communicating with digital technologies in the home. *British Journal of Educational Technology*, 44(3), 421–431. doi:10.1111/bjet.2013.44.issue-3

Menard, S. (2002). *Longitudinal Research*. London, Sage Publications.

Middleton, C.A. (2007). Illusions of balance and control in an always-on environment: A case study of BlackBerry users. *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies*, 21(2), pp. 165–178.

NAEYC and Fred Rogers Center for Early Learning and Children’s Media as Saint Vincent College (2012). *Principles to Guide the Appropriate Use of Technology and Interactive Media as Tools in Early Childhood Programs Serving Children from Birth through Age 8*. Retrieved from [http://www.naeyc.org/files/naeyc/file/positions/PS\\_technology\\_WEB2.pdf](http://www.naeyc.org/files/naeyc/file/positions/PS_technology_WEB2.pdf).

Ólafsson, K., Livingstone, S., & Haddon, L. (2014). *Children's use of online technologies in Europe: A review of the European evidence database*. Retrieved from [http://eprints.lse.ac.uk/60221/1/EU\\_Kids\\_Online\\_Children'sUseofOnlineTechnologiesinEurope\\_ReviewofEuropeanEvidenceBase\\_Revised\\_2014.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/60221/1/EU_Kids_Online_Children'sUseofOnlineTechnologiesinEurope_ReviewofEuropeanEvidenceBase_Revised_2014.pdf).

Padilla-Walker, L.M., Coyne, S.M., Fraser, A.M. (2012). Getting a high speed family connection: Associations between family media use and family connection. *Family Relations*, 6, pp. 426–440.

Palaiologou, I. (2014). Children under five and digital technologies: Implications for early years pedagogy. *European Early Childhood Education Research Journal*, 24(1), 1–20. doi:10.1080/1350293X.2014.929876

Parette, H, Blum, C., & Quesenberry, A. (2013). The 21st Century Role of Technology for Young Children. In Parette, H. & Bloo, H., *Instructional Technology in Early Childhood* (pp.1-21). Retrieved from <http://archive.brookespublishing.com/documents/instructional-technology.pdf>

Parette, H. P., Hourcade, J. J., Dinelli, J. M., & Boeckmann, N. M. (2009). Using Clicker 5 to enhance emergent literacy in young learners. *Early Childhood Education Journal*, 36, 355–363.

Pijpers, R. & Van den Bosh, N. (eds.) (2014). *Positive Digital Content for Kids*. POSCON & Mijn Kind Online. Retrieved from <https://goo.gl/jlfmoG>

Plowman, L., Stevenson, O., Stephen, C., & McPake, J. (2012). Preschool children's learning with technology at home. *Computers & Education*, 59(1), 30-37. doi: 10.1016/j.compedu.2011.11.01

Popkin, H. A. S. (2011). *British people prefer Facebook to toilets*. Msnbc.com Today. Retrieved from <https://goo.gl/Oo0YHQ>

Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5). Retrieved from <https://goo.gl/JUlmV7>

Rainie, L., & Keeter, S. (2006). Americans and their cell phones. *Pew Internet & American Life Project*. Retrieved from <https://goo.gl/B27Qn4>

Rainie, L., Zickuhr, K. (2015). *Americans’ Views on Mobile Etiquette*. Pew Research Center. Retrieved from <http://www.pewinternet.org/2015/08/26/americans-views-on-mobile-etiquette/>

Rideout, V. (2014). *Learning at home: families' educational media use in America*. The Joan Ganz Cooney Centre. Retrieved from: <https://goo.gl/sYJ15z>

Rideout, V. & Hamel, E. (2006) *The media family: Electronic media in the lives of infants, toddlers, pres-*

*choolers and their parents*. Henry J. Kaiser Family Foundation. Retrieved from: <https://goo.gl/GUOSGP>

Rosin, H. (2013). The touch-screen generation. *The Atlantic*. Retrieved from <https://goo.gl/YntWZG>

Saracho, O. (2015). Developmentally-appropriate Technology and Interactive Media in Early Childhood Education. In Heider, K. & Jalongo, M. R. (Eds.) (2015). *Young children and families in the information age. Application of technology in early childhood*. Berlin: Springer.

Snider, S., & Hirschy, S. (2009) A Self-reflection Framework for Technology Use by Classroom Teachers of Young Learners. *He Kupu*, 2(1), 30-44.

Sonck, N., Kuiper, E., de Haan, J., Livingstone, S., Haddon, L., and Görzig, A. (2012). Digital skills in the context of media literacy. In: Livingstone, S. editor. *Children, risk and safety on the internet*. Bristol: Policy Press, 87-98.

Strauss, A., & Corbin, J. (1994). Grounded Theory Methodology. In NK Denzin & YS Lincoln (Eds.) *Handbook of Qualitative Research* (pp. 217-285). Thousand Oaks, Sage Publications.

Valke, M., Bonte, S., De Wever, B., & Rots, I. (2010). Internet parenting styles and the impact on internet use in primary school children. *Computers & Education*, 55, 454-464.

Vodopivec, J. (2011). Some aspects of teaching media literacy to pre-school children in Slovenia from a perception standpoint of teachers and parents. *Acta Didactica Napocensia* 4, 69-78.

Wartella, E., Kirkpatrick, E., Rideout, V. (2013). *Media, Technology, and reading in Hispanic families: a national survey*. Center on Media and Human Development at Northwestern University and National Center for Families Learning. Retrieved from: <https://goo.gl/KLjuHT>

Wellman, B., Smith, A., Wells, A., & Kennedy, T. (2008). *Networked families*. Pew Research Center, Internet, Science & Tech. Retrieved from <http://www.pewinternet.org/2008/10/19/networked-families/>.

Yeh, Chao-Chi, Chang, Dian-Fu, and Chang, Li-Yun (2011). Information Technology Integrated into Classroom Teaching and its Effects. *US-China Education Review*, B6, 778-785.

Zevenbergen, R., & Logan, H. (2008) Computer use in preschool children: rethinking practice as digital natives come to preschool. *Australian Journal of Early Childhood*, 33, 2-44.



# CATÓLICA

CECC · CENTRO DE ESTUDOS  
DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

---

LISBOA